DEFENSE SOLUTIONS
FOR THE FUTURE

PANDUR Always
ready for Operation

GENERAL DYNAMICS
European Land Systems

gdels.com

REVISTA da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Abril 2010 | 3ª Série | Ano VII | Nº 20

Carros de Combate no AFEGANISTÃO

ERec / BrigMec no REAL THAW 10

e ainda

- O General Silveira
- A Boina Preta

De 22FEV10 a 21MAR10, decorreu a 4ª edição do Concurso de Saltos Internacional da Comporta – Atlantic Tour Comporta 2010. Durante cerca de um mês, a Herdade da Comporta foi a capital nacional do hipismo, tendo acolhido 350 cavaleiros e 750 cavalos, representando 26 países.

Pela duração e número de provas – oito das quais a contar para o Ranking Mundial da Federação Equestre Internacional, provas para cavalos jovens e outras destinadas a Juniores e Cavaleiros Jovens e Dressage, o Atlantic Tour é um evento equestre de características únicas no panorama nacional e europeu.

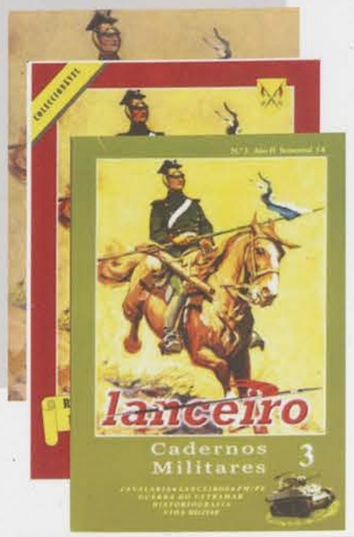
Pela primeira vez participaram cavaleiros do Exército Português, representado pelo Tenente-Coronel Miguel Arnaut Pombeiro e pelo Tenente-Coronel Aníbal Marianito da Silva, em que nas provas internacionais para cavaleiros amadores, na classe 1,20/1,25m, tiveram prestações bastante meritórias e obtiveram as seguintes classificações dignas de referência:

- TCor Cav Aníbal Marianito da Silva com "Mandil":
  – dois 2º class; – um 3º class; – um 4º class.
- TCor Cav Miguel Arnaut Pombeiro com "Calidel":
  – um 4º class; – um 6º class; – um 10º class; – um 12º class.

De realçar que a participação destes dois cavaleiros militares do Exército foi acolhida com grande alegria pelos restantes cavaleiros nacionais e estrangeiros, que repetidas vezes expressaram a sua satisfação por voltar a ver uniformes do Exército Português em pistas internacionais desta modalidade, situação que, a este nível, não se verificava há mais de uma década.

Informação veiculada pelo mail do Exército Português.

A Direcção da Revista da Cavalaria



lanceiro

CADERNOS MILITARES

"desfile da "coisa militar", em revista"

Relatos + Memórias + Biografias + Militária
Efemérides + Historiografia + Actualidade
100 páginas ilustradas, 5€

Colaboram:
Gen Martins Barrento, TGen Sousa Pinto, Cor Cav António Melo, Cor Cav Monteiro da Graça, TCor Cav Marcos Andrade, TCor Cav Dias de Almeida, SMor Cav Fernando Lourenço, TCor Cav João Sena, Roberto de Moraes e RL2.

«fiel depositária do espírito do Lanceiro e da Cavalaria»
TGen José Carlos Cadavez

Edição semestral, assinatura (3 n.ºs 12€) e informações:

Associação de Lanceiros
Calçada da Ajuda 1349-054 Lisboa
alanceiros@gmail.com

Sumário

- Palavras do Director Honorário da Arma — 4
  TGEN Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros
- Editorial — 5
  TCOR Cav Miguel Freire
- «Carros de Combate no Afeganistão: Fundamentos para o seu emprego» — 7
  CAP Cav Antero Marques Teixeira
- «O ERec/BrigMec no Exercício Real THAW 2010» — 17
  MAJ Cav Paulo Serrano
- «O General Silveira» — 22
  SMOR Cav Fernando Lourenço
- «A Boina Preta» — 25
  ALF Cav Paulitos dos Santos
- «Os Meus Livros» — 32
  MGEN Oliveira Duarte
- Livros / Artigos / Revistas / Sites — 36
- Resenha de Actividades das Unidades — 39
- Promoções/Nomeações/Óbitos — 46

FICHA TÉCNICA

Propriedade
Associação Revista da Cavalaria

Director
TCOR Miguel Freire

Chefe de redacção
MAJ Paulo Serrano

Redacção
TEN Paulo Fernandes

Revisão
TCOR Miguel Freire
MAJ Paulo Serrano

Créditos das fotografias
Capa: ERec / BrigMec
Internet

Contactos
Associação Revista da Cavalaria
Regimento de Lanceiros N.º 2
Calçada da Ajuda
1349-054 Lisboa
E-m@il:
revistadacavalaria@gmail.com

Execução gráfica
SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma

Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros
TGEN

A Direcção da Revista de Cavalaria decidiu a partir do presente número alterar o seu formato, deixando de ser temática e passando a incluir artigos sobre temas diversos sobre assuntos doutrinários, técnico/tácticos e outros que mereçam destaque pela sua pertinência e/ou actualidade, para além de ter secções fixas sobre equitação, história e livros.

Assim neste número para além de artigos de âmbito técnico/táctico relativos ao emprego em operações dos novos CC Leopard 2A6 e sobre a participação do ERec/Brig Mec no exercício REAL THAW - 2010, realizado entre 25 de Janeiro e 4 de Fevereiro, pela Força Aérea.

É também abordada a "história por detrás da boina preta", que representa uma tradição de quase meio século identificadora dos militares de Cavalaria, que muito contribuiu para o fortalecimento do espírito de corpo, tão próprio da nossa Arma, e que nos torna necessariamente diferentes.

O General Silveira heróico defensor da ponte de Amarante que como alguém já afirmou,"um dos primeiros Comandantes a derrotar as tropas de Napoleão" e, também, um dos primeiros a utilizar a guerra de guerrilhas, com o emprego que deu aos Corpos de Milícias, Ordenanças e Voluntários contra um exército constituído por experientes soldados, bem armados, disciplinados, conduzidos por chefes experientes, habituados sempre a vencer. Trata-se assim de um militar de Cavalaria, figura grande da nossa História, que com sucessivas manobras de desgaste e retardamento, obrigou o marechal Soult a desistir do avanço sobre Lisboa, planeado por Napoleão, perseguindo e humilhando o Corpo francês até à sua retirada do território nacional.

Antes de terminar gostaria de evocar o Major-General Emílio de Oliveira Duarte, recentemente falecido, para ele o nosso reconhecimento pela forma como viveu os assuntos da nossa Arma e pelo muito que deu à Cavalaria.

TGEN LUÍS MIGUEL DE MEDEIROS
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

Editorial

Vários contra-tempos impuseram um atraso significativo à publicação deste Número 20 da nossa Revista. A Direcção pede desculpas e alguma compreensão.

A Direcção

Vinte números depois...

20 já é um número emblemático. Não é que seja muito, mas também não é pouco. Com uma periodicidade quadrimestral representam cerca de seis anos e meio. Ou seja, se a Revista da Cavalaria fosse uma criança, já tínhamos entrado na escola! Constituiu uma boa altura para que a nova Direcção, que tomou posse na última Assembleia Geral, a 24 de Fevereiro, no Regimento de Lanceiros Nº 2, fizesse um balanço e encarasse novos desafios. Vejamos então as propostas da nova Direcção e as consequências para a nossa Revista:

- **Actividades institucionais anuais:**
  - Edição anual dos três números da Revista da Cavalaria;
  - Aumento sustentado de associados (prioridade para as Categorias de Sargentos e Praças).
- **Actividades para o triénio (2010-2012):**
  - Uma nova estrutura da Revista (deixa de ser temática);
  - Site na Internet da Revista da Cavalaria;
  - Levar uma VBTP V-200 para o museu de Blindados de Saumur.
- **Actividades para 2010:**
  - Seminário conjunto com a EPC (Simulação na Cavalaria)
  - Organização de uma Poule com a EPC;
  - Actividade cultural (2º Semestre);
  - Representação da RevCav nos dias das Unidades de Cavalaria.
  - Lista de Leitura Profissional 2010-11;

TCOR Cav MIGUEL FREIRE
G3 Cmd BrigMec

ACTIVIDADES INSTITUCIONAIS ANUAIS

A edição da Revista continua a ser a razão primária para a existência da Associação da Revista da Cavalaria e por isso é, e continuará a ser sempre, o esforço da Direcção. No que diz respeito à edição da Revista importa salientar que um dos objectivos não conseguidos é a sua edição a tempo e horas, ou seja, que o número correspondente a um quadrimestre chegue aos associados durante o primeiro mês do quadrimestre seguinte. **No caso deste número, 1º quadrimestre de 2010, os associados deveriam estar a recebê-lo na primeira quinzena de Maio e não no fim de Julho, como provavelmente vai acontecer. E porque é que isto sucede? Pode parecer estranho mas são as rubricas regulares que nos atrasam. E sobre este assunto mais não digo!**

Quanto aos associados, ainda há margem para muito, basta que haja o empenho de todos!

ACTIVIDADES PARA O TRIÉNIO (2010-2012)

Quanto à nova estrutura da Revista decidiu-se abandonar os assuntos temáticos. Não é que essa estrutura não tenha permitido ao longo destes últimos seis anos cumprir com os objectivos e trazer à ribalta assuntos que se julgaram pertinentes para a Arma. Optámos, simplesmente, por experimentar um outro caminho: acabar com um tema central e em substituição ter em média três artigos de temas variados mas que acabem por estar orientados para assuntos de doutrina, técnica e um polémico (qualquer que seja a área a que diga respeito – desde que com interesse para a Cavalaria);

Quanto às Secções fixas serão sobre:

> Equitação;
> História (um olhar para o passado)
> Os meus livros
> Revistas/artigos/sites
> Resenhas UU
> Promoções & Colocações

Como dissemos atrás, esta nova linha editorial é simplesmente um novo caminho para chegar ao nosso destino: "fomentar, aprofundar e difundir o conhecimento científico, técnico, histórico, cultural e deontológico da cavalaria militar e, genericamente, do seu emprego no Exército e Forças Armadas numa perspectiva de emprego conjunto" (Artº2º dos Estatutos). Embora constitua um objectivo para o triénio, a implementação desta nova linha editorial será desde já.

Na era da informação quem não está on-line não existe. A Revista da Cavalaria não existe na internet. Trata-se de um passo que tem tanto de importante como de complexo. A verdade é que a estrutura da Associação não tem capacidade para um empreendimento destes. A entrada da Revista da Cavalaria na internet só seria possível com um peso adicional significativo à (muita!) carolice dos elementos que criam a revista em versão papel. Entendemos que é um aspecto demasiado importante para ficar à mercê dessa carolice. O que nos propomos fazer nestes três anos é arranjar uma modalidade que, provavelmente com aumento de despesa, nos garanta a criação de um sítio da Revista da Cavalaria e que não esteja dependente, apenas, da disponibilidade e dedicação dos membros da Direcção. Na prossecução deste e outros objectivos estamos sempre receptivos a sugestões ou ideias que venham dos nossos associados.

Em finais de Dezembro de 2009 a antiga Direcção da Revista da Cavalaria foi contactada pelo TCor Miguel Machado (um dos elementos da Equipa que gere o sítio "O Operacional", ver RevCav nº 18, pag. 45) que após a visita ao Museu de Blindados de Saumur constatou não haver um exemplar da única viatura blindada projectada e construída em Portugal: a V-200 Chaimite. Numa altura em que o Exército Português está a substituír a Chaimite pela nova Pandur II e que se avinham abates desse último modelo, o TCor Miguel Machado teve a ideia de fazer chegar uma viatura a este museu de referência e achou que a Revista da Cavalaria seria a instituição certa para este empreendimento. Sentimo-nos honrados e aceitámos como nosso o desafio. É um projecto a três anos.

ACTIVIDADES PARA 2010

Para este ano que já vai a meio temos o Seminário em parceria com a EPC. Este ano dedicado a um assunto que já foi tema da nossa Revista (ver Nº 16): A simulação.

Realizar uma Poule hípica também com a EPC. Organizar uma actividade cultural que possa agregar associados e famílias num convívio simpático.

Para difundir a Revista da Cavalaria, e sempre que for possível aos membros da Direcção e os comandos das unidades autorizarem, estaremos presentes com uma "banca" nas provas hípicas das unidades ou em dias festivos.

Por fim lançaremos a nossa Lista de Leitura Profissional para o ano de 2010-11.

CORPOS SOCIAIS DA ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA 2010-2012

Mesa da Assembleia Geral:
- Presidente: **Presidente Honorário da Arma da Cavalaria, Tenente-General Luís Miguel de Negreiros de Morais de Medeiros**
- Vogal: **Presidente do Conselho da Arma de Cavalaria, Major-General José Alberto Martins Ferreira**
- 2º Vogal: **Tenente-Coronel de Cavalaria Francisco António Amado Rodrigues**
- Secretário:**Sargento-Mor de Cavalaria Luís Manuel Gouveia Antunes**

Conselho Fiscal:
- Presidente: **TCor Cavª Marcos de Andrade**
- Vogal: **Maj Cavª Peralta Pimenta**
- Secretário: **Maj Cavª Jorge Henriques**

Direcção da Revista:
- Presidente: **TCor Cavª Miguel Freire**
- Vice-presidente: **Maj Cavª Paulo Serrano**
- Vogal: **Sr. Luís Costa**
- Secretário: **Ten Cavª Paulo Fernandes**
- Tesoureiro: **1SAR Cavª Luis Cacheira**

Carros de Combate no Afeganistão: Fundamentos para o seu emprego

Resumo

Fazendo face a um ressurgimento em massa da violência taliban e a um criticismo crescente a nível interno face ao aumentar de baixas, alguns países da ISAF[1] começaram a dotar as suas forças de meios blindados como forma de garantir mais protecção. Apesar destas ponderações, a orografia do Afeganistão, bem como a própria tipologia de ameaça enfrentada (insurgentes apeados e IED) levaram durante muito tempo a ser considerado impraticável e desnecessário o uso de Carros de Combate neste Teatro de Operações. Contudo, desde a sua introdução, não só o moral das forças no terreno ganhou ânimo substancial, como os efeitos se revelaram eficazes e duradouros. Neste artigo são analisados alguns dos aspectos mais visíveis para este sucesso, bem como elencados pontos de vista que visam contribuir para a geração de sinergias para um hipotético emprego deste sistema de armas neste Teatro de Operações por parte do nosso Exército.

CAP CAV ANTERO MARQUES TEIXEIRA
GCC / BrigMec

1. ANTECEDENTES

Em Agosto de 2006, a ISAF e o ANA[2] lançaram uma ofensiva, de modo a estabelecer controlo governamental a partir da cidade de Panjawyi, cerca de 30 km a Oeste da cidade de Kandahar, nos Distritos de Panjawyi e Zhari da Província de Kandahar. Esta região, constituída por inúmeras pequenas aldeias de muros altos de adobe e densas plantações de papoila ao longo do vale do Rio Arghandab, já havia sido palco da Operação ZAHARA, que em Julho de 2006 provocara cerca de 1100 baixas e 400 capturados entre os taliban e os expulsara momentaneamente. Logo após o final desta batalha restabeleceram-se nesta região, fonte de financiamento oriundo do ópio, contrariando os esforços de reconstrução.

Com a Operação MEDUSA[3], decorreu então a segunda e mais feroz Batalha de Panjawyi, onde cerca de 1500 a 2000 combatentes taliban se concentraram, determinados em não perder de novo esta região. Contrariamente às habituais e constantes emboscadas com pequenas unidades, ataques com morteiros/ rockets, IED[4] e sempre procurando evitar o confronto directo, sucedeu-se um combate bem mais convencional. Posições entrincheiradas e pontos fortes, por entre os densos campos de papoila e vinhas, com os itinerários susceptíveis de serem usadas por viaturas de rodas armadilhados com IED e cobertos por fogos directos e indirectos, forçaram o combate apeado e apoiado por aviação e artilharia[5]. Das baixas sofridas (entre os Canadianos, 16 mortos e 50 feridos) e das dificuldades sofridas para bater os taliban, bem como dos danos colaterais sofridos (particularmente a nível de habitações e culturas, pois a população dum modo geral havia abandonado as áreas de combate), surgiu reforçada a necessidade de incluir Carros de Combate (CC) como parte duma força equilibrada.

Deste modo, a pedido expresso do Major-General David Fraser[6], o Governo Canadiano anunciou em 15 de Setembro de 2006 o envio de um pacote de capacidades e meios de modo a facilitar os trabalhos de reconstrução e estabilização no Afeganistão, onde se incluía um Esquadrão de Carros de Combate Leopard C2[7].

2. TANKS ON THE WAY!

a. CC Leopard C2

Somente seis semanas após receber uma Ordem Preparatória, o Lord Strathcona's Horse (Royal Canadians)[8] adaptou, treinou e enviou 15 CC Leopard C2 para o Afeganistão. Antes da chegada pre-

vista para 06 de Outubro de 2006 ao Aeroporto de Kandahar (KAF) de todos os CC, já a secção de quartéis do Esquadrão Bravo recebia equipamento e sobresselentes para apoio e manutenção dos CC, bem como estabelecia com o Comando do Battle Group quais os conceitos de sustentação e de emprego dos CC. (Fig. 1)

Após a chegada dos CC, a adaptação de meios e militares, conjuntamente com treino intensivo, pautou o tempo disponível até 02 de Dezembro de 2006, quando se deslocaram até à "Forward Operation Base" (FOB) em Ma'sum Ghar. Porventura para contrapor o "show of force" demonstrado pela coluna que se deslocara até Panjawyi, logo no dia seguinte surge uma resposta por parte dos taliban, com um ataque de rockets. Ao que se respondeu com fogo da peça L/44 105mm, que ressoando pelas montanhas marcou a primeira vez em 50 anos (desde a Guerra da Coreia) que os CC canadianos se envolviam em combate e igualmente a primeira vez que forças da ISAF empregavam tal meio. A partir de então, os CC passaram a estar envolvidos de forma preponderante em todas as principais operações de combate.

Apesar dos CC Leopard C2 terem obtido resultados excepcionalmente bons, a sua avançada idade de 28 anos ao serviço começava a fazer-se sentir. Também em Novembro de 2006 havia sido reportado todo um conjunto de modificações necessárias para melhor adaptar o CC ao ambiente de contra-insurgência[9], passando por tópicos como o aquecimento excessivo no interior do CC até ao reforço de blindagem. Estes factos foram amplamente tomados em consideração pelo poder político e militar e, em Abril de 2007, não só se tomou em

Fig. 1 - CC Leopard C2 a ser transportado por C-17 Globemaster III a 09 de Outubro de 2006 da Base Aérea de Manas (Quirguízia) para Base Aérea de Kandahar (Afeganistão). http://www.af.mil/shared/media/photodb/photos/061007-F-6882G-927.jpg

análise as deficiências e necessidades referentes ao vetusto Leopard C2, como se autorizou o aluguer de 20 CC Leopard 2 A6M ao Exército Alemão para entrar imediatamente em operações de combate e a subsequente compra de 80 CC Leopard 2 A4 e de 20 CC Leopard 2 A6 NL ao Exército Holandês.

b. CC Leopard 2 A6 e A6M

Em Outubro de 2003 o Canadá havia decidido o início de testes com a viatura Stryker/ LAV-III 8x8 e o sistema de armas MGS[10] 105mm de modo a substituir por completo os CC Leopard C2 no âmbito da reestruturação do seu Exército. Apesar deste projecto e do CC Leopard 2 nunca ter sido senão brevemente posto à prova em combate[11], as evidências e resultados palpáveis recolhidos em combate deram um novo alento[12] à arma blindada canadiana e uma mais poderosa capacidade de combate à ISAF. O CC Leopard 2, por muitos entendido como o melhor do Mundo, aprestava-se a tomar o seu lugar na ribalta. Ainda assim, precavendo um normal período de adaptação, modificações e a necessidade de manter operações com CC, previu-se um período em que Leopard C2 (mantendo-se os 15 CC desta versão) e Leopard 2 se mantivessem no Afeganistão, até à substituição total.

Deste modo, os primeiros vinte Leopard 2 A6M emprestados pela

Fig. 2 - CC Leopard 2 A6M do Lord Strathcona's Horse de guarda à FOB Ma'sum Ghar em Setembro de 2007 http://img134.imageshack.us/img134/3556/ar2007z04106tx0.jpg

Alemanha chegaram ao Afeganistão em 16 de Agosto de 2007[13,14] e posteriormente duas Viaturas Blindadas de Recuperação (VBRecup) Bergepanzer 3 Büffel[15]. (Fig. 2)

Em Abril de 2009, o poder político Canadiano aprovou o envio de mais 20 CC Leopard 2, de modo a suprir o elevado desgaste e substituir os CC inoperacionais em combate. Estes CC de origem Holandesa estarão melhorados a nível de protecção contra minas, blindagem adicional, novo equipamento de comunicações, arrefecimento e pressupõe-se que sejam entregues na configuração A4+, directamente da KMW para o Afeganistão em data próxima do Outono de 2010[16].

c. CC Leopard 2 A5 DK

Uma outra nação, a Dinamarca, encontra-se a utilizar os seus CC Leopard 2, na configuração A5 DK[17] neste Teatro de Operações (TO).

Antes desta projecção e no âmbito do NRF-10[18], o 2 ESK/ I. Panserbataljonen / Jydske Dragonregiment[19] treinava regularmente com unidades combinadas e em ambientes tácticos semelhantes aos encontrados no TO, o que em muito facilitaria a futura e pouco previsível projecção para integrar a ISAF. De igual modo já havia preparado CC para serem projectáveis para "hot spots". Deste modo o efectivo dum pelotão (três CC e uma VBTP M113 G3 DK[20], orgânico no Exército Dinamarquês; bem como mais dois CC de reserva e uma VBRecup Wisent [21]) foi preparado e pintado com camuflagem adaptada para ambientes desérticos. (Fig. 3) Na primeira quinzena de Agosto de 2006, em Córdoba (Espanha), testara-se a prestação dos CC em clima quente e com muito pó. Daqui mecânicos e carristas puderem retirar valiosos ensinamentos sobre o comportamento do CC, tendo ganho uma experiência prévia sobre os desafios que o inóspito Afeganistão viria a apresentar. Efectuaram-se também treinos bem sucedidos, no âmbito do Strategic Airlift Interim Solution (SALIS)[22] a 05 de Fevereiro de 2007, com aviões AN-124 para determinar a capacidade de projecção dos CC para qualquer ponto do Globo. Ciente dos efeitos positivos do emprego de CC Canadianos no Sul do Afeganistão (e das suas próprias capacidades em projectar, manter e operar uma força em tudo semelhante), a Dinamarca enviou em Março de 2007 uma missão de Fact-Finding (FF) para Helmand, em contacto com os carristas Canadianos, à altura a efectuarem a transição de Leopard C2 para Leopard 2 A6M. Após o que, em 28 de Setembro de 2007, o 2 ESK recebeu autorização para iniciar preparativos (ainda antes da decisão política definitiva) de modo a ser projectado para o Afeganistão.

Fig. 3 - CC Leopard 2 A5 DK durante testes em Córdoba (Espanha) em Agosto de 2006 http://www.danskpanser.dk/Artikler/Leopard2_klar_til_deployering.htm

A 26 de Outubro de 2007, os 4 Leopard 2 A5 DK, 1 M113 G3 DK e uma VBRecup Wisent aterraram em KAF. Dois dias passados, já efectuavam tiro real em carreira de tiro, como parte do treino e adaptação ao TO. A 10 de Novembro de 2007 deu-se então a projecção para o destino final, para a FOB BASTION no Distrito de Gereshk da Província de Helmand, vizinha de Kandahar onde os Leopard Canadianos os precediam enquanto utilizadores de CC.

3. FACTORES DE SUCESSO

"Tivemos hoje um (CC) que foi atingido por um *IED* esta manhã. A guarnição está bem. O CC fez o seu trabalho"[23] Esta é um exemplo do tipo de declarações que se encontram agora comummente associadas ao desempenho dos CC no TO. Se inicialmente parecia uma loucura empregar CC em operações de contra-insurgência e se a sua própria existência no seio do Exército Canadiano e Dinamarquês era posta em causa; que dizer do sucesso alcançado em operações?

a. Projecção

A projecção deste tipo de meios será sempre um desafio, quer pela quantidade de sobresselentes, material de apoio ou pelo próprio CC. Ainda assim, a projecção destes meios para o Afeganistão decorreu de forma relativamente rápida e eficaz. Sendo possível a projecção por meios navais, empregando navios do tipo RO-RO *(Roll On-Roll Off)*, cedo se optou por meios aéreos, dada a urgência inicial de projecção e inclusive das restrições e preocupações logísticas associadas ao desembarque dos meios em território Paquistanês (antes da projecção final para o Afeganistão).

Para a projecção inicial, o Canadá recorreu ao aluguer de aviões comerciais Antonov An-124 Ruslan (com capacidade máxima de carga

de dois CC por avião), sendo projectados de Edmonton no Canadá um CC e uma VBRecup Taurus[24], a 29 de Setembro de 2006 para a base norte-americana no aeroporto de Manas, Quirguízia, perfazendo 9925km de voo e cerca de 20.000 euros de aluguer pago por hora de voo. Os 1490km finais até KAF[25] foram efectuados a bordo de dois aviões C-17 Galaxy da Força Aérea Norte-americana, um para o CC e outro para a VBRecup, sendo que todos os sobresselentes e materiais de apoio haviam sido previamente enviados. Posteriormente juntaram-se o restante dos 140 militares do LdSh (RC) e os CC, até se alcançar o número final de 15 CC.

Já para a projecção dos CC Leopard 2 A4 e Leopard 2 A6, o Canadá optou por uma solução em que os CC foram directamente enviados da Alemanha (onde haviam sofrido revisões e algumas adaptações) directamente para KAF, tirando partido do SALIS (contrariando a inicialmente propalada impossibilidade de aterragem deste avião nesta pista), ao invés dos seus quatro C-17 Globesmaster III[26]. Assim a 16 de Agosto de 2006 chegou um primeiro Leopard 2 A6M, supostamente com toda a sua blindagem adicional, ao TO.

Para a projecção dos mais recentes Leopard 2 A6M, a decorrer no final deste ano, o Canadá tenciona empregar os seus C – 17 Globemaster III. Ainda assim, é pública a discussão acerca da capacidade real deste avião em transportar este CC para o TO.

Por sua vez a Dinamarca tirou partido de ser membro do SALIS e enviou directamente os seus 4 Leopard 2 A5 DK, 1 M113 G3 DK e uma VBRecup Wisent em AN-124 (sendo transportado um CC por avião) para KAF, onde aterraram a 26 de Outubro de 2007.

b. Apoio Logístico

O TO do Afeganistão representa um enorme desafio para qualquer contingente pela orografia de extremos, pela distância até ao TO ou pela inexistência de vias de comunicação adequadas e seja em que vertente for. A nível logístico, esta dificuldade afigura-se como um pesadelo iminente.

Ainda assim, não há referências negativas públicas, quanto ao que os CC (da família Leopard 1 e Leopard 2, canadianos e dinamarqueses) são referentes, porventura mais por necessidade de manter discrição sobre as suficiências/ insuficiências do apoio logístico em vigor.

De referir que o Canadá já sentia dificuldades a nível de sobresselentes e de ciclos de manutenção dos seus Leopard C2 (já muito curtos e recorrentes[27], devido ao elevado desgaste e pouca disponibilidade de alguns sobresselentes). O que tinha ajudado a considerar-se o fim dos CC no Exército canadiano como uma certeza e posteriormente, cerca de somente cinco meses após a sua projecção para o TO, a avançar para a compra de Leopard 2. Com a introdução dos Leopard 2, o Canadá contratou apoio de manutenção à KMW para um período de 20 anos, desconhecendo-se se também se inclui a vertente de manutenção no TO. Certo é que, dos Leopard 2 alugados à Alemanha e previsto ser entregues nas mesmas condições, nenhum retornará. Os CC que serão entregues ao Exército Alemão vão ser dum lote de CC holandeses que estão a sofrer upgrade, obviando-se assim os elevados custos de reparação dos CC empenhados em combate.

Quanto aos Leopard dinamarqueses, quer pelo seu reduzido número, quer pelo secretismo associado, poucas referências são públicas quanto ao apoio logístico.

c. Manutenção e influência climática

O emprego dos vetustos Leopard C2, carro ao serviço do Exército Canadiano há 28 anos aquando da sua projecção para o Afeganistão, marcou o início duma nova experiência, que ainda hoje se fazem sentir.

Este sofreu de alguns problemas que também são abrangentes às versões mais recentes do Leopard 2. Há referências explícitas ao desgaste sofrido a nível de almofadas de trilho e rodas de apoio, bem como de problemas de embraiagem, estando ambos directamente associados ao desgaste sofrido na condução em todo o terreno.

As restantes dificuldades sentidas estão essencialmente ao nível de temperaturas elevadas sentidas no interior do CC. De facto, o Sul do Afeganistão é conhecido por ser a região mais desértica e rochosa do Afeganistão e com temperaturas diurnas a atingirem os 50ºC durante o verão (correspondendo a cerca de 65ºC no interior do CC). As temperaturas elevadas afectam o regular funcionamento dos componentes electrónicos do sistema de controlo de tiro, enquanto que os óleos do motor excedem rapidamente as temperaturas óptimas de funcionamento, condicionando o seu regular funcionamento. De referir que com o Leopard C2, devido à sua torre ser hidráulica, a temperatura no interior do compartimento de combate era aumentada com o seu próprio funcionamento. Com o sobreaquecimento dos fluidos hidráulicos da torre, esta perdia velocidade de resposta na rotação e elevação/depressão da peça.

De igual modo, o funcionamento dos recuperadores da peça era afectado ainda antes de se efectuar um disparo que fosse. Para não falar nos efeitos fisiológicos na guarnição, que não dispunha de ar condicionado ou fatos de guarnição climatizados[28].

Estas limitações levaram a que até finais de Maio de 2006 os próprios Leopard C2 (ainda que dotados dum sistema eléctrico de rotação e elevação/ depressão da peça, que logo à partida gera menos calor pelo seu funcionamento e menos riscos de ser influenciado pela temperatura) fossem dotados de Leopard Crew Climate Control System (LCCCS)[29], recorrendo-se à experiência do Exército Australiano com este sistema nos seus Leopard AS 1[30] na região de Darwin, semelhante à zona de operações no Afeganistão no tocante a temperaturas. Igualmente este meio estava disponível em abundância, face à anunciada compra de 59 CC M1 A1 AIM Abrams para substituição dos CC australianos. Conseguiu-se assim não só reduzir a temperatura no interior do CC (o suficiente para arrefecer o compartimento de electrónica e sistema hidráulico), como garantir-se também o arrefecimento de água potável para a guarnição ainda que não se consiga anular por completo os efeitos térmicos na guarnição[31] pois o arrefecimento na melhor das hipóteses leva a que a temperatura interna seja no máximo igual à temperatura ambiente no exterior. Da experiência australiana recolheu-se também a vantagem em colocar um Mobile Camouflage System (MCS)[32] e uma "sombrinha" adaptada para cobrir as zonas das escotilhas de Chefe de Carro e municiador com o CC imóvel. Contudo, ao contrário da experiência australiana em colocar o MCS em áreas específicas da torre e casco, os canadianos optaram por avançar para um sistema mais avançado e aplicável a todo o CC. Este sistema é o BARRACUDA[33], (Fig. 4) que reduz a energia térmica induzida em cerca de 50% através duma camada superior que reflecte a luz solar enquanto a camada inferior isola o casco e torre. Encontra-se aplicado nos Leopard 2 canadianos e dinamarqueses (que haviam inclusivamente efectuado testes, durante o NRF-10 em Espanha, antes da projecção para o TO) e gozam de excelente reputação de eficácia.

Outro aspecto que tem condicionado a actuação dos CC é referente ao pó, fino como pó de talco e penetrando nas mais recônditas partes, limitando as prestações do motor. Reforçando-se os cuidados com os filtros de ar do motor (soprando-se os mesmos numa base quase diária e efectuando-se a sua substituição com maior frequência) e colocando-se saias de borracha no casco ao longo do trilho, reduz-se efectivamente os efeitos do pó.

Para transporte de rolos e charruas e também para poupar o desgaste em deslocamentos administrativos dos CC canadianos, os mesmos são transportados recorrendo a tractores e plataformas. Até ao Outono de 2007, o Exército canadiano não possuía no TO estes meios, pelo que tanto para a família Leopard 1 como para a família Leopard 2, se recorreu ao empréstimo dum XF95 Tropco[34] do Exército Holandês. Presentemente e desde o Outono de 2007, o Canadá utiliza doze tractores Mercedes AHSVS e plataformas Doll de sete eixos, com maior capacidade de carga, potência e blindagem incorporada. Quanto ao contingente dinamarquês, não existem referências da existência própria destes meios, admitindo-se que sejam emprestados por outros contingentes a operar no TO.

De referir que estes meios são usualmente empregues em operações, de modo a transportar as charruas e rolos, que tem vindo a ganhar uma preponderância grande face às ameaças IED, minas e à tipologia de terreno do Sul do Afeganistão.

Fig. 4 - CC Leopard 2 A5 DK com o sistema Barracuda em operações no Afeganistão
http://www.danskpanser.dk/images/Leopard2_109stor.jpg

d. Recuperação

A recuperação de CC é essencial neste tipo de operações, pois se um Leopard tem capacidade de reboque doutro CC, nesta eventualidade perde-se potencial de combate e aumenta-se a vulnerabilidade de ambos, tornando-se um alvo ainda mais remunerador.

Assim, com os Leopard C2 foram enviados VBRecup Taurus (baseada no casco e motorização do Leopard 1, com blindagem adicional), que permite também que o motor ou torre seja retirado com a ajuda da grua hidráulica incorporada na viatura, para efeitos de manutenção no TO (sendo possível efectuar esta operação o mais à frente possível, em que um motor de reserva pode ser transportado na viatura). Possui também uma pá dozer que não só permite ajudar a estabilizar a viatura quando o guincho está a ser empregue para recuperar um CC como eventualmente derrubar obstáculos em apoio a CC ou outra tipologia de viaturas. Para além de poder rebocar um CC inutilizado de volta a uma FOB, se necessário, dispensar combustível a um CC e realizar todas estas operações debaixo de fogo, em virtude da sua blindagem.

Com a chegada ao TO de Leopard 2, foi necessário comprar três VBRecup Bergepanzer 3 Büffel à Alemanha (dada a pouca capacidade de recuperação deste CC pela VBRecup Taurus), donde partiram para chegar a KAF em 16 de Agosto de 2007. As suas características base são muito semelhantes à versão Taurus, além de ser mais potente, (baseada no casco e motorização do próprio Leopard 2) e dotada de mais blindagem (inclusive grelhas, para fazer face a munições de carga dirigida, particularmente do tipo RPG[35]) e de uma pá dozer maior.

Também a Dinamarca viu esta necessidade, mais ainda devido ao facto de normalmente operar com três CC, sendo que se um se avariar, outro teria de o rebocar (potenciando a redução de potencial de combate) e à partida a operação em curso seria afectada ou até mesmo cancelada, se não existisse uma VBRecup. De facto, foi juntamente com um CC o primeiro elemento do 2ESK a chegar a KAF. A versão empregue é a VBRecup Wisent (baseada no casco do Leopard 1 mas com uma motorização mais potente de 1000 cavalos) e a qual sofreu reforços de blindagem (inclusive a grelha anti RPG), adaptada para a montagem de charrua com motorização independente (FWMP ou TWMP[36], respectivamente para limpar minas e IED numa faixa de terreno completa ou somente duas faixas para rodados) e recentemente para a charrua Pearson[37] que permite limpar até 4.20 metros a uma velocidade de 15km/h. Ainda assim, existem limitações para o emprego desta VBRecup, sendo que já foi identificada a sua falta de potência para proceder à recuperação do Leopard 2 A5 DK (particularmente em terreno difícil) e foi proposta a sua substituição.

e. Apoio de Combate

Este apoio de combate aqui referido é relativo a meios mecanizados, uma vez que em todas as operações onde os CC são empregues estão associados meios de outras unidades e outras viaturas. O apoio de combate rapidamente foi considerado pelos Canadianos (sendo que os Dinamarqueses não possuem este tipo de meios no TO, provavelmente em virtude do reduzido número de CC) como importante e complementar à acção dos CC. Para tal projectaram a Viatura Blindada de Engenharia (VBE) Badger[38] (Fig. 5) e a Viatura Blindada Lança Pontes (VBLP) Beaver, ambas baseadas no casco e motorização do CC Leopard 1.

Fig. 5 - VBE Badger em FOB Ma'sum Ghar a 27 de Junho de 2007
http://www.combatcamera.forces.gc.ca/site/home-eng.asp

A versátil Badger é normalmente elemento preponderante nas acções realizadas. Em deslocamento segue atrás do CC equipados com rolo e usa a sua pá dozer de modo a reduzir a possibilidade de existência de algum IED. Possibilita também a criação expedita de itinerários para viaturas de rodas em terrenos restritivos como os wadis[39], lançando faixas interligadas de canos (semelhantes a um tapete) que são cobertas depois de terra. Permite igualmente criar espaldões em pouco tempo ou encher cestos HESCO[40], tanto para protecção de viaturas como das próprias tropas.

Não gozando de tanto protagonismo como a Badger, a VBLP Beaver também têm tido alguma influência em operações, para obviar as dificuldades de vadear cursos de água ou acidentes de terreno até 20 metros de comprimento e quatro metros de largura, em particular para as viaturas de rodas, suportando tonelagens até ao máximo de 70 toneladas.

COMBATE NO AFEGANISTÃO: FUNDAMENTOS PARA O SEU EMPREGO CARROS DE COM
BATE NO AFEGANISTÃO: FUNDAMENTOS PARA O SEU EMPREGO CARROS DE COMBAT

f. Armamento

De uma forma geral, o armamento associado ao CC Leopard, independentemente da sua versão, permite às forças no terreno disporem de eficácia, alcance e potência até então limitada, por exemplo face a fortificações insurgentes[41].

" Antes da projecção do CC Leopard, uma quantidade massiva de fogos de 25mm da LAV produzia resultados limitados contra estas estruturas, sendo frequentemente necessário recorrer a bombardeamento aéreo ou arriscar o emprego de tropas apeadas para a abertura de brechas com armas anti-carro ou demolições".[42]

Assim, uma munição de 105mm dum Leopard C2 facilmente conseguia bater alvos até 3.000 metros (quase o dobro do alcance eficaz do canhão de 25mm da Lav-III), com capacidade de abrir um buraco de 5 por 5 metros numa estrutura de adobe, igualmente garantindo a redução de danos colaterais para as infra-estruturas circundantes e permitindo um menor empenhamento e consequente exposição de tropas apeadas.

Face ao tipo expectável de empenhamento, ameaças e alvos, os CC foram equipados com munições essencialmente anti-material e anti-pessoal de energia química, sendo quase postas de parte munições cinéticas perfurantes como as APFSDS, APDS ou até mesmo as fumígenas WP[43].

O Leopard C2 (com capacidade de transporte de 52 munições) foi equipado para empenhamento no TO essencialmente com munições HESH, HEP e HEAT[44] para a sua peça estriada L7 A3 L/52 de 105mm e uma metralhadora ligeira C6 de 7.62mm para o chefe de carro, adicional às já existente coaxial e da escotilha municiador.

Quanto aos Leopard 2 A6/ A6M empregues pelo Exército Canadiano e Leopard 2 A5 DK, os primeiros estão equipados com a peça de alma lisa L/55 120mm, o que permite o emprego de munições mais potentes bem como um mais eficaz sistema de recuperação do recuo da peça. Contudo, há uma desvantagem associada a esta peça particularmente no tocante à peça de alma lisa L/44 (que equipa as versões de Leöpard 2 A5 DK). Os 6,6 metros da peça L/55 face aos 5,28 metros da peça L/44 dificultam o manobrar da peça em zonas arborizadas ou urbanas, pela sua própria dimensão. De facto, a Dinamarca prevê retirar conclusões do emprego desta peça mais curta comparativamente à peça canadiana (sendo que esta última foi optimizada para o combate anti-carro, não constituindo ainda assim uma desvantagem em combate no Afeganistão), no sentido de avaliar a necessidade de efectuar o upgrade.

Quanto a munições, além das omnipresentes HESH e HEP, o arsenal de 42 munições para cada CC Leopard 2 foi engrossado com a anti-pessoal XM1028 Canister (contendo aproximadamente 1150 esferas de tungsténio disparadas a uma velocidade inicial de 1400 m/s para combate próximo até 500 metros) e anti-material PELE[45] de energia cinética (com a capacidade de penetrar e potenciar os efeitos laterais), reduzindo assim os danos colaterais em combate urbano.

De referir também que os lança-potes de fumo incorporados nos CC têm sido usados com sucesso, nomeadamente para mascarar o desempenhar de forças apeadas ao contacto. Outro factor de sucesso é garantido pelas câmaras de visão nocturna que permitem uma capacidade de combate e observação em permanência.

Fig. 6 - CC Leopard 2 A6M com grelhas de protecção adicional
http://www.combatcamera.forces.gc.ca/site/home-eng.asp

g. Mobilidade e Sobrevivência

A mobilidade extrema destes meios tem sido relevante face ao tipo de terreno e até às alterações introduzidas pelo ser humano. Já aqui foi focado o aspecto preponderante de poder adaptar charruas e rolos aos CC para abertura de brechas e limpeza de campos de minas / IED. Mas também sem estes meios a própria capacidade de ultrapassar obstáculos permite ao CC abrir caminho entre campos de papoilas ou derrubar muros e assim evitar que os elementos apeados se tenham de expor para transpor estes obstáculos.

Quanto à protecção, os CC já por si são dotados de qualidades óptimas para fazer face às maiores ameaças actualmente presentes no TO: armas anti-carro de carga dirigida (mais usualmente RPG) e IED. O Leopard C2 foi porventura o CC menos preparado, tendo ainda assim sido equipado com painéis MEXAS[46] para assegurar uma maior protecção. Quanto aos Leopard 2 A6 possuem, de origem, blindagem reforçada (em particular ao nível da parte frontal da torre, ao longo do anel da torre e na escotilha

do condutor) e painéis interiores para reduzir o efeito de estilhaços.

De todos os CC, há referências a 4 que ficaram inoperacionais na sequência de ataques com IED, sendo que nenhum foi destruído em combate. Ainda assim, a 25 de Julho de 2008, um condutor de CC dinamarquês morreu perto da FOB Attal, no vale de Gereshk na província de Helmand, devido a um IED. O que veio reforçar a introdução do Leopard 2 A6M, por incluir não só um reforço de blindagem na zona inferior do compartimento de condução, como um novo banco para o condutor que não se encontra fixo (sendo suspenso, em forma de berço e com cintos de fixação), para além de possuir de origem as grelhas anti- cargas de efeito dirigido.

4. LEOPARD 2 A6... PORTUGUÊS

Invariavelmente, a questão assalta a mente de qualquer carrista Português: "E para quando o nosso Leopard em operações? E se nos fosse ordenado marchar para o Afeganistão?" Não sendo mais que um mero exercício superficial de levantamento de possibilidades e limitações actuais, incorrendo em imprecisões por naturalmente não ser conhecedor de toda a conjuntura e não pretendendo efectuar um levantamento extensivo neste artigo, atrevo-me ainda assim a elencar alguns aspectos relacionados com a temática.

De facto, o CC Leopard 2 A6 que recentemente equipa o nosso Exército é amplamente reconhecido como um dos melhores CC do Mundo, senão mesmo o melhor. Comparativamente aos CC presentemente empregues no Afeganistão, pode-se afirmar que se encontra entre o Leopard 2 A5 DK e o Leopard 2 A6M, sendo muito próximo deste último. Relativamente ao CC dinamarquês a nossa versão de Leopard 2 é possuidora duma peça de maior calibre e respectivo sistema de recuo/ amortecimento e estabilização mais avançado. Contudo, face ao CC canadiano, carece duma blindagem mais reforçada (e mais adequada face às ameaças mais presentes no TO, quer sejam IED ou munições com cargas de efeito dirigido) e um sistema de suspensão do assento do condutor, que reduz o efeito de choque duma qualquer explosão.

Para além destas diferenças de origem referentes às versões de cada CC, o equipamento extra que comprovadamente representa melhorias no desempenho deste sistema de armas está acessível no mercado e é possível dispor de lições aprendidas por outros Exércitos, sendo que inclusivamente algumas são públicas[47]. Outras são amplamente debatidas em fórums onde os próprios utilizadores partilham duma linguagem e conhecimentos comuns para melhorar a eficácia e operacionalidade desta família de CC, como o LEOBEN. Deste modo, sistemas de ar condicionado, os fatos térmicos para as guarnições, o sistema BARRACUDA (que certamente têm aplicação mesmo em território nacional, onde Santa Margarida, lar dos nossos Leopard, é particularmente árido e poeirento nos meses quentes), as grelhas de protecção contra cargas de efeito Monroe[48] ou até mesmo a compra de munições do tipo HESH ou APERS[49] são hipoteticamente possíveis.

Quanto a viaturas de apoio, quer seja as de recuperação, as de apoio de combate (como lança pontes) ou até versões de engenharia, são de sobremaneira importantes se não mesmo vitais. A título de exemplo, está já comprovado que a actual viatura blindada de recuperação M88 não reúne todas as condições necessárias para garantir uma recuperação eficaz, inclusivamente em testes efectuados na Brigada Mecanizada. Se em combate no Afeganistão já se validou a necessidade de ter este tipo de viatura em operação, de forma a manter o potencial de combate (pois doutro modo teria de ser um outro CC Leopard a recuperar), ampliar a polivalência de recuperação de qualquer outro tipo de viatura, em segurança conferida pela própria blindagem e com capacidade de realizar manutenção expedita em ambiente de campanha (nomeadamente com a capacidade de retirar o motor do CC mediante um guindaste incorporado) também numa situação em território nacional esta polivalência e especificidade se revestem de uma vantagem nítida.

Quanto ao apoio logístico e de manutenção, presentemente assiste-se à adaptação forçosamente necessária entre o sistema previamente montado e provado para CC M60 A3 TTS e o actual sistema de armas. Ainda assim, existe pessoal com qualificação técnica adequada e que tem vindo a realizar os trabalhos de manutenção em estruturas por agora adaptadas às necessidades. Certamente que para uma projecção para o TO se teria de orientar as necessidades, tanto a nível de sobresselentes, como de mais militares qualificados a nível de manutenção de casco, torre e soldadura ou até meios auxiliares de recuperação, para se poder garantir a operacionalidade em território afegão. Também se pode recolher informação preciosa, à semelhança do que a Dinamarca fez em relação à experiência canadiana, através da partilha de informação quanto às necessidades mais comuns e técnicas empregues referentes às especificidades no TO.

Já a nível de formação e treino de carristas Leopard, mesmo que ainda não se possua meios de simulação e instrução ideais e empregues pela maioria dos utilizadores deste CC (por exemplo, como forma de garantir não só uma formação inicial adequada como continuidade integrada do mesmo com os meios reais e também obviar custos de treino) existe já um Esquadrão de Carros de Combate (ECC) que iniciou a fase de formação táctica e consequente treino, após a formação inicial de guarnições previamente concluída. Um outro ECC está com formação técnica de operação do meio e capacitação de guarnições em curso, sendo que até ao final do corrente ano estará levantado e com guarnições aptas a prosseguir a sua formação táctica inicial. Também a este nível de formação/ treino se pode beneficiar do facto de ambos estes Esquadrões terem num passado recente integrado forças NRF[50] e não ser estranho ao Grupo de Carros de Combate (GCC) o conceito de armas combinadas a nível de Agrupamento. De facto, esta experiência permite coligir experiências aprendidas em proveito duma hipotética projecção de forças, ainda que se tivesse de orientar tanto o treino, como a adaptação de meios e até o quadro orgânico de pessoal e material para assegurar uma força mais apta e orientada para este tipo de TO.

Há ainda toda uma relação de possibilidades que podem e devem até ser exploradas. Desde a adaptação de carreiras de tiro e formação de Master Gunners, o garantir de permanência temporal mínima de pessoal qualificado em Leopard para a operação deste meio cujo treino e operação é onerosa e complexa, a partilha de informação recorrendo às experiências dos utilizadores no TO e envolvendo os utilizadores nacionais em todo essa actividade, a aplicação dum perfil psicológico e físico credível a par duma formação e treino exigente para o carrista, a aquisição de meios de simulação ou uso de instalações já existentes de outras nações, passando pela discussão activa e participada quanto às possibilidades e limitações reais deste meio no seio da nossa Arma quanto a uma possível projecção.

São pois alguns dos aspectos entre muitos outros a tomar em conta para a consolidação do projecto CC Leopard 2 A6 em curso, tendo em vista não só o actual empenho como futuras solicitações. Ainda que uma hipotética projecção esteja sempre dependente de vontade política nesse sentido, independentemente dessa decisão cabe-nos a responsabilidade de garantir que nos encontremos preparados para responder com resolução a essa solicitação. Muito à semelhança do que Canadianos e Dinamarqueses com sucesso lograram alcançar ainda que a posição política fosse inicialmente adversa aos CC e seu emprego fora do território nacional respectivo.

5. CONCLUSÕES

Os detractores da projecção de Carros de Combate (e até da sua existência no seio dum Exército Canadiano e Dinamarquês, tendencialmente vocacionado para forças mais ligeiras e menos onerosas) propalavam a sua obsolescência face a um ambiente de contra-insurgência dinâmico, a um terreno complexo e desgastante; devido ao facto de ser extremamente caro projectar, treinar e operar estes meios...todas estas considerações possuem um fundo de verdade, mas durante largo período de tempo não se procurou considerar as vantagens latentes.

A permanente capacidade de combate, protecção e mobilidade destes meios em terreno complexo, de dia e de noite, face a um adversário determinado e esquivo que aprendeu a temer e evitar confrontar esta "besta"[51], a limitação de danos colaterais enquanto se garante a eficácia de tiro, constitui em alguns dos pontos de vantagem que se procurou elencar neste artigo. Muitos mais ficaram por analisar, particularmente alguns por não serem públicos. Mas não se pretendia aqui efectuar um levantamento extensivo de argumentos que consubstanciem o emprego dos CC. Procurou-se sim evidenciar as provas obtidas em combate da eficácia, poder e até do ânimo transmitido às forças da ISAF no terreno e correspondente temor taliban provocado pelos Carros de Combate. Procurou-se pois mostrar a extrema utilidade do emprego de Carros de Combate no Afeganistão em ambiente de contra-insurgência. Por fim, foram elencados alguns argumentos que, apesar de aligeirados, se pretendem geradores de sinergias. Não sendo derradeiros, são ainda assim pontos de vista que se pretendem meros contributos para uma discussão mais alargada quanto ao papel atribuído aos nossos CC no Exército Português e em particular à sua projecção hipotética para o TO afegão. ■

AGRADECIMENTOS

Ao Capitão Jimmy Mogensen, do Exército Dinamarquês, por partilhar a sua valiosa experiência enquanto S3 do contingente Dinamarquês que pela primeira vez empregou CC Leopard 2 A5 DK no Afeganistão.

BIBLIOGRAFIA

Ira Jacobs et al, Heat Stress Mitigation for Leopard C2 tank crew, Defence R&D Canada Technical Report (Maio de 2007);

Trevor Cadieu, Major, Canadian Armour in Afghanistan, Canadian Army Journal Vol.10.4 (Inverno de 2008);

Yves Debay, Les Leopards de Panjwayi, Magazine Assault (Fevereiro de 2010).

AUTOR

O Capitão de Cavalaria Antero de Aguiar Marques Teixeira é o actual Comandante do 1º Esquadrão de Carros de Combate do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada e instrutor de CC Leopard 2 A6. Desde 2004 colocado no GCC, foi Comandante de Pelotão de Carros do Agrupamento Mecanizado NRF-5 em 2005, Comandante de Pelotão de Atiradores no TO da Bósnia-Herzegovina no âmbito da missão "ALTHEA" da EUFOR levada a cabo pelo GCC no 1º semestre de 2006, tendo posteriormente desempenhado funções de 2º Comandante nos três ECC até 2008. Entre outros cursos, está capacitado com o "Supervision Holder Maintenance Course" e " Leopard 2A6 Tank Commander/ Master Gunner Transition Course" realizados em 2008 no Exército Holandês.

REFERÊNCIAS

Artigo sobre a presença de CC Leopard C2 e CC Leopard 2 Canadianos no Afeganistão
http://www.Defpro.com/daily/details/273/

Artigo sobre o papel alargado dos CC Canadianos na Contra-Insurgência
http://www.defensenews.com/story.php?i=4046010

Descrição do contrato atribuído à munição PELE para uso em Leopard 2 A5 DK
http://www.rheinmetall-defence.com/index.php?lang=3&fid=3949

Descrição do emprego da Viatura Blindada de Engenharia Badger
http://dndtalk.com/canada-/8829-versatile-badger-clears-mines-makes-routes

Declarações do Gen Rick Hillier à Standing Committee on National Defence, acerca da capacidade de projecção aérea das Forças Armadas Canadianas.
http://cmte.parl.gc.ca/Content/HOC/committee/391/nddn/evidence/ev2669387/nddnev33-e.htm#Int-1881737

Reportagem sobre o uso de CC Canadianos pela primeira vez em 50 anos
http://www.ctv.ca/servlet/ArticleNews/story/CTVNews/20061203/afghan_tanks_061203/20061203?hub=CTVNewsAt11

Site do Canadian Defence and Foreign Affairs Institute
http://www.cdfai.org/

Site do Defence R&D Canada
http://www.cdrdc-rddc.gc.ca

Site dinamarquês com informação genérica do CC Leopard 2 A5 DK
http://www.danskpanser.dk

Site oficial do Comando de Defesa Dinamarquês
http://forsvaret.dk

Site oficial do Regimento Canadiano Lord Strathcona's Horse (Royal Canadians)
http://www.strathconas.ca/

NOTAS

1 International Security Assistance Force, força multinacional de segurança e desenvolvimento no Afeganistão, liderada pela OTAN.

2 Afghan National Army, estrutura que após o período de formação e treino com as forças da ISAF, tem vindo cada vez mais a marcar presença nos combates terrestres.

3 Sob comando Canadiano, reuniu cerca de 2000 militares Canadianos, Norte-Americanos, Dinamarqueses e Holandeses.

4 Improvised Explosive Devices; engenhos explosivos improvisados que tem sido amplamente empregues pelos Taliban.

5 Onde os PzH 2000 do Exército Holandês tiveram o seu baptismo de fogo.

6 Oficial General Canadiano, à data Comandante da Multi National Brigade for Regional Command South da ISAF.

7 Versão Canadiana melhorada e equivalente à versão CC Leopard 1 A5.

8 LdSH (RC); Regimento de Carros de Combate do Exército Canadiano

9 COIN; Counter-Insurgency.

10 Main Gun System.

11 CC Leopard 2 A4 foram sujeitos a fogo ligeiro durante a missão KFOR no Kosovo.

12 Antes de 2006 o Exército Canadiano havia já iniciado a venda de alguns dos seus Leopard C2 e inclusive usado alguns como alvos, afirmando que tinha pouco uso para os seus CC e que o sistema MGS seria o substituto final dos seus CC.

13 Após terem sofrido revisões e melhoramentos nas fábricas da Krauss Maffei Wegmann, produtores do CC.

14 Dos restantes Leopard 2, doze na configuração A4 provenientes do Exército Holandês foram desmantelados para servir de peças; da configuração A4 seis CC serão convertidos em Viaturas Blindadas de Recuperação enquanto 40 serão equipados com a peça de 120mm L/55 e empregues para treino no Canadá (passando a ser designados por Leopard 2 A4+) e mais 20 de origem Holandesa numa configuração ainda por definir para combate no Afeganistão; da versão A6 de origem Holandesa todos serão melhorados para a versão A6M e entregues ao Exército Alemão em restituição dos 20 CC inicialmente alugados.

15 Viatura da família do CC Leopard 2, comprada ao Exército Alemão.

16 O Canadá já anunciou que pretende retirar as suas forças do Afeganistão até Julho de 2011.

17 Originalmente de configuração A4 e oriundos da Alemanha, os 51 CC Leopard 2 dinamarqueses sofreram melhoramentos em 2000.

18 NATO Response Force.

19 2º Esquadrão de Carros de Combate do I Grupo de Carros de Combate do Regimento de Dragões da Jutlândia.

20 Viatura Blindada de Transporte de Pessoal, equivalente ao M113 A3.

21 Viatura da família do CC Leopard 1.

22 Contracto acordado a 23 de Março de 2006, em que seis aviões AN-124-100 estão disponíveis aos 15 signatários membros da OTAN; dois dos aviões em permanência em Leipzig-Halle, Alemanha e disponibilizando 124 horas de voo/ano.

23 Tradução livre das afirmações do Chefe de Estado Maior do Exército Canadiano, Tenente-General Andrew Leslie, em 20 de Abril de 2009 à defensenews.com

24 Viatura da família do CC Leopard 1, também conhecida por Bergepanzer 2 A2.

25 Essencialmente devido ao facto de à data estar vedado a aterragem de AN-124 nesta pista, por incapacidade da mesma, de acordo com as afirmações do General Rick Hillier, Chefe de Estado Maior do Exército Canadiano a 06 de Fevereiro de 2006 à Standing Committee on National Defence do Parlamento.

26 Adquiridos aos EUA em 01 de Fevereiro de 2007, para obviar a dependência de meios alugados e incapacidade de projecção aérea; a sua designação oficial no Canadá é de CC-117 Globemaster III.

27 Desde os radiadores que frequentemente esgotavam o líquido de arrefecimento devido às elevadas temperaturas de funcionamento que excediam os 98ºC limite.

28 Para fazer face a esta limitação, o Ministério da Defesa Canadiano promoveu o estudo Heat stress mitigation for Leopard 2 C tank crew, em Maio de 2007.

29 Esta adaptação não foi totalmente fácil, devido às diferenças externas da torre dos dois CC e pela existência de alguns erros de concepção.

30 Versão australiana do Leopard 1 A3.

31 Há referência a estudos que indicam que ventoinhas, fatos guarnição com circulação de água fresca e sacos de gelo colocados em bolsos próprios serão a forma mais adequada para arrefecer o carrista.

32 Constituído essencialmente de camadas de panos que reduzem a absorção da energia térmica solar, por reflexão e primariamente empregue para reduzir a assinatura térmica do CC.

33 Sistema de Heat Reduction da empresa sueca Saab.

34 Constituída por um tractor DAF XF95 sem blindagem e plataforma Broshuis 530 de 7 eixos.

35 Rocket Propelled Grenade, usualmente empregue até distâncias de 300 metros na luta anti-carro/anti-material.

36 Full Width Mineplough e Track Width Mineplough.

37 Empregue para rapidamente abrir brechas em campos de minas, afastando-as para os lados.

38 Motorização dupla de 840 cavalos, com pá dozer, pá escavadora, e até sistema de soldadura.

39 Leitos de cursos de água, por norma fundos e com pouca consistência.

40 Estrutura pré-fabricada em arame para conter terra e detritos, de modo a criar protecção em pouco tempo.

41 Apesar de feitas de adobe, as paredes das habitações na região Sul do Afeganistão são normalmente de espessura superior a um metro e de consistência semelhante a cimento.

42 Tradução livre das afirmações do Maj. Trevor Cadieu, no seu artigo Canadian Armour in Afghanistan para o Canadian Army Journal, vol.10.4 de 2008.

43 APFSDS- Armour Piercing Fin Stabilized Discarding Sabot; APDS- Armour Piercing Discarding Sabot; WP- White Phosphorous.

44 HESH- High Explosive Squash Head; HEP- High Explosive Plastic; HEAT- High Explosive Anti Tank.

45 Penetrator with Enhanced Lateral Effect, comprada pela Dinamarca à Rheinmetall após testes bem sucedidos em Setembro de 2006 em Oksboel.

46 Modular Expandable Armour System, da IBD Deisenroth

47 Como o relatório técnico do Defence R&D Canada sobre Heat stress mitigation for Leopard C2 tank crew

48 Cargas de efeito dirigido, por exemplo as famosas RPG.

49 Os nossos CC Leopard 2 A6, oriundos do Exército Holandês, neste momento só estão preparados para disparar munições MZ e KE, respectivamente equivalentes a munições HEAT e APFSDS.

50 O 2ECC no NRF-5 em 2005 e o 1ECC no NRF-12 em 2008-2009.

51 Termo pelo qual os taliban popularmente apelidam os CC, sendo que se referem aos Leopard por...super besta.

O ERec/BrigMec no Exercício REAL THAW 2010

1. ENQUADRAMENTO

O Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada (ERec/BrigMec) durante o período de 1 a 4 de Fevereiro participou no Exercício Real Thaw 2010.

O exercício Real Thaw foi planeado pela Força Aérea (FA) com o objectivo de preparar e adaptar as suas tripulações de F-16 AM da Esquadra 301 (Jaguares, da Base Aérea Nº5 em Monte Real), conjuntamente com os Forward Air Controllers (FAC)[1], a possíveis cenários presentes em Teatros de Operações actuais como o do Afeganistão. Neste contexto, os cenários criados na simulação de missões de Close Air Support (CAS)[2], contaram com a cooperação no terreno do ERec, com o empenhamento de dois pelotões de reconhecimento como Unidades de manobra, onde estiveram integrados dois FAC.

O ERec planeia e executa anualmente um exercício de nível esquadrão, normalmente no mês de Janeiro, para preparação do exercício Rosa Brava da BrigMec que geralmente decorre nos meses de Abril e Maio. A Força Aérea face à realização do exercício Real Thaw tinha interesse em ter forças militares no terreno de modo a proporcionar um treino mais realista aos pilotos e aos FAC, nomeadamente na correcta selecção de armamento a empregar face à presença das diversas ameaças simuladas no terreno.

A BrigMec tem vindo a cooperar de forma assídua com a FA nos últimos anos, inicialmente nos exercícios tipo LFX[3] e mais recentemente também nos do tipo FTX[4], o que tem originado a obtenção de um conjunto de conhecimentos, quer a nível pessoal bem como a nível profissional, que possibilitam haver maior entreajuda na prossecução de determinados objectivos. Assim, a Esquadra 301 da BA5 tomou a iniciativa de solicitar ao Cmd BrigMec a disponibilidade de empregar forças militares para a realização de um exercício conjunto. Como o ERec iria ter o seu exercício de treino operacional naquele período, com o devido conhecimento e concordância do comando da Brigada foi assim possível participar no exercício.

MAJ Cav PAULO SERRANO
ERec / BrigMec

2. PLANEAMENTO

O cenário criado para o exercício foi da responsabilidade da FA. O ERec aproveitou o cenário e introduziu algumas alterações para ser coerente com os objectivos de treino que estavam definidos.

O ERec articulou-se em duas forças:

- numa Força de manobra, com Comando, dois PelRec e PelMortP;
- numa força de cenário, com 3 equipas, sendo cada equipa constituída por um graduado e 5 praças.

O 1 Sar Cav Duarte, Sargento Auxiliar do ERec, assumiu o comando da força de cenário, tendo como colaborador o Ten Jacob Nielsen, do Exército Dinamarquês. Estes dois elementos foram os responsáveis pela elaboração das listas de incidentes e da injecção dos mesmos. O Ten Nielsen tinha assim duas missões fundamentais: a avaliação do desempenho dos FAC; e auxiliar também no planeamento e injecção dos incidentes. Sendo um militar com bastante experiência no teatro de operações do Afeganistão, com três missões e numa delas tendo sofrido ferimentos devido a uma emboscada, foi-lhe solicitado que os incidentes fossem o mais próximo possível daquele teatro.

O ERec sendo uma unidade de escalão companhia utiliza como método de planeamento o procedimento de comando, sendo dado bastante relevo aos treinos antes dos exercícios, para que cada chefe de viatura saiba exactamente o que tem de fazer (Foto 1 e 2 – treinos em Caixa de Areia, neste caso utilizando toda a área do campo de futebol). A Ordem de Operações foi transmitida na Sala " Caixa de Areia" ao Grupo de Ordens do ERec e aos 3 FAC (foto 3). Os FAC foram atribuídos ao Esquadrão para treino da

Foto 1

Foto 2

Foto 3

cooperação aero-terrestre no âmbito do exercício, mas também para serem submetidos a avaliações de modo a se qualificarem para puderem ser empenhados no TO do Afeganistão. Os militares foram empenhados da seguinte forma: Cap Jimmy Mogensen, do Exército Dinamarquês, na viatura do Cmdt ERec, Ten Farinha na viatura Cmdt 1ºPelRec e Ten Figueiredo na viatura do Cmdt 2º PelRec (Foto 4 – Ten FA Farinha, na viatura M113 do Cmdt 1ºPelRec)

3. OBJECTIVOS/ PLANEAMENTO

Os objectivos de treino do ERec foram os seguintes:

- Efectuar deslocamento táctico nocturno;
- Ocupação Zona Reunião;
- Conduzir Acção Retardadora;
- Apoiar Passagem de Linha para a frente;
- Conduzir SAR;
- Conduzir um exercício de fogo real (LFX), num cenário Segurança da Área da Retaguarda, em coordenação com FA;
- No âmbito da cooperação aero-terrestre:
  - Efectuar deslocamentos terrestres com escolta aérea;
  - Solicitar apoio aéreo próximo;
  - Solicitar varrimento e reconhecimento aéreo de áreas.

4. CONDUTA DO EXERCÍCIO

Dia 01Fev10 (2ª feira) – Ocupação Zona de Reunião

Após a formatura matinal do Esquadrão, os Cmdts Pel transmitiram OOp de forma formal[5]. Às 1400, iniciaram-se as Operações de Aquartelamento. Em primeiro lugar, executou-se o plano de carregamento do Esquadrão. Quando todas as viaturas foram palamentadas, o pessoal formou em frente às viaturas e deram inicio ao equipamento do pessoal, tendo terminado com a camuflagem individual. A Secção de reabastecimento, entretanto, deslocou-se aos paióis da BrigMec para proceder ao levantamento das dotações orgânicas de cl III[6]. Após ter sido feita a escola de guarnição, foi feita a abertura de rede rádio.

À 1730 deu-se inicio ao deslocamento do ERec. Conforme transmitido na OOp, o deslocamento teria de ser escoltado por duas aeronaves. Os FAC que estavam localizados nas viaturas dos Cmdt PelRec, possuíam meios de transmissões rádio que lhes possibilitavam comunicar com os pilotos das aeronaves, bem como equipamento de apoio ROVER IV[7]. Este sistema possibilita ao FAC a recepção de imagem em tempo real do que o piloto vê, possibilitando assim uma rápida aquisição e identificação positiva do alvo/objectivo.

Durante o deslocamento para a Zona de Reunião, cada Cmdt PelRec efectuou diversas observações através da sua viatura, como obteve diversas informações provenientes da cooperação ágil estabelecida com o FAC. Foram injectados vários tipos de incidentes, nomeadamente emboscadas. As reacções que foram efectuadas a vários incidentes foram as seguintes:

- Manobra de PelRec para atacar posição inimiga (a partir do itinerário), tendo sido confirmada a posição In através das informações dos FAC (via aeronave). Neste caso, a SecCC garantiu o sobreapoio e a SecAt atacou o objectivo.
- Manobra de ERec para atacar posição inimiga (a partir do itinerário), tendo sido confirmada a posição In através das informações dos FAC (via aeronave). Um PelRec garantiu sobreapoio tendo outro PelRec manobrado para obter posição vantajosa. Não chegou à fase do

Foto 4

Foto 5

assalto, porque através de informações das aeronaves foi possível determinar que o In rapidamente retirou em viaturas de rodas.
- Solicitados reconhecimentos aéreos para confirmar localização e actividade In;

Às 2200 a zona de Reunião foi ocupada pelo Esquadrão.

Dia 02Fev10 (3ª feira) – Acção Retardadora

Às 0830, os PelRec iniciaram os deslocamentos para ocupação da Linha Inicial de Retardamento. Durante o deslocamento, cada PelRec procedeu de acordo com matriz de execução, que de uma forma genérica foi a seguinte:

- Reconhecer e preparar as posições na 3ª Linha Retardamento (LRet);
- Reconhecer as posições na 2ª LRet;
- Reconhecer, preparar e ocupar a 1ª LRet.

Às 1800 o In iniciou actividades junto das PDet de cada PelRec. Sempre que o In abordava uma posição, o Cmdt Pel solicitava reconhecimento através dos meios aéreos disponíveis. O Cmdt Pel solicitava o apoio ao Cmdt ERec, e este ao FAC que estava na sua viatura, cabendo depois a este verificar se havia possibilidade face aos meios. Foram efectuados vários reconhecimentos o que possibilitou determinar a localização, o efectivo e algumas vezes a intenção do In. A conduta nas PRet foi de acordo com os procedimentos descritos no Manual de ICol de Unidades de Cavalaria de 1987 (solicitar fogos indirectos, fogos directos e quando autorizado saltar para próxima PRet).

Foi nesta fase (romper o contacto numa das PDet) que se deu o 1º "atascanço" de um CC L2A6 do ERec. Neste exercício foram empenhados dois CC L2A6 no 1º PelRec e dois CC M60A3TTS no 2ºPelRec. Os CC L2A6 tiveram assim o seu baptismo de fogo (relativamente a exercícios e também a "atascanços"). Depois de alguns esforços, nomeadamente a escavar um grande buraco em redor do trilho para colocação de troncos, conseguiu-se desatascar o carro e continuar o exercício.

De uma forma genérica, os pedidos que foram solicitados aos meios aéreos na acção retardadora foram reconhecimentos aéreos e pedidos de apoio aéreo próximo.

Dia 03Fev10 (4ª feira) – Segurança da Área da Retaguarda

Às 0900 foi executado um apoio a uma passagem de linha para a frente. Foi criado um cenário em que o ERec estando a ocupar a última linha de retardamento, apoiava a passagem de linha de um SubAgr para a frente, para a execução de um ataque.

Após a passagem de linha, o ERec ocupou o dispositivo para conduzir SAR da BrigMec. O comando do ERec, PelMortP e a reserva (4 CC, sendo dois M60A3TTS e dois L2A6, das SecCC/ PelRec) ficaram localizados em D. PEDRO,

Foto 6

e a cada PelRec foi atribuído um sector de responsabilidade. Cada PelRec tinha como tarefas fundamentais, ocupar Postos de Observação e executar patrulhamentos montados, como forma de impedir penetrações nos sectores. Os PelRec guarneceram os Postos de Observação à custa das SecExpl, e executaram patrulhamentos com as viaturas do CmdtPel e SecAt. Durante os patrulhamentos, o FAC através do sistema Vector que comunicava com o GPS, ia retirando coordenadas correctas dos locais prováveis de empenho. O permanente contacto do FAC com a aeronave e com o CmdtPel criou uma dinâmica bastante eficiente e rápida na possibilidade de empregar armamento aéreo nas ameaças detectadas.

Dia 04Fev10 (5ª feira) – LFX

O LFX teve como cenário a SAR realizada na véspera. Assim, os pelotões estavam localizados na Carreira de Tiro, da seguinte forma:

- O PelMortP, junto ao Delta D. PEDRO;
- Dois PelRec, o 1ºPelRec a materializar uma posição a ESTE e o 2ºPelRec numa posição a OESTE;
- Um PelCC (constituído por 2 CC L2A6 e 2 CC M60A3TTS, provenientes das SecCC dos PelRec) como reserva (foto 5 e

Foto 7

6 – CC M60A3TTs e L2A6).

Antes da realização dos fogos reais, foram apresentados ao G3/ BrigMec todos os aspectos referentes à conduta da sessão de fogos. (Foto 7)

A sequência dos fogos foi a seguinte:

- Apoio aéreo próximo, com três passagens (Canhão 20mm);
- Fogos de morteiros (foto 8);
- Apoio aéreo próximo, com três passagens (Canhão 20mm) (foto 9);
- Continuação dos fogos morteiros;
- Fogos a partir das duas posições dos PelRec (Metr Pes 12.7mm das viaturas M113);
- Fogo CC, com os CC M60A3TTS (CC estacionários. Empenhamento da reserva);
- Apoio aéreo próximo (Canhão 20mm);
- Fogo CC, com fogo de peça dos CC M60A3TTS, e com as metralhadoras de bordo de todos os CC (incluindo dos CC L2A6);
- Apoio aéreo (sem fogo, demonstração força e reconhecimento posição);

Foi elaborado um guião com todos os procedimentos do treino, com realce para as medidas de segurança (quando se devia municiar o armamento, quando seriam efectuadas as operações de segurança, etc). O Cmdt ERec e o FAC permaneceram sempre próximos, tendo a coordenação sido simples e contínua.

É normal nos exercícios tipo LFX, nomeadamente na Brigada Mecanizada, haver empenhamento do apoio aéreo. O que julgo que constituiu uma novidade, e julgo mesmo ter sido a primeira vez que foi feito for ter havido empenhamento do apoio aéreo com fogo real, intervalado com fogos da força terrestre.

5. LIÇÕES APRENDIDAS

Durante todo o exercício foram identificados os seguintes aspectos, que julgo importante realçar:

- O FAC deve estar sempre próximo do Cmdt da Força. Considero que é vantajoso porque permite ao Cmdt da Força visualizar toda a área através do sistema ROVER IV, e porque torna todas as coordenações muito mais rápidas, evitando-se as comunicações rádio que por vezes são falíveis ou lentas (foto 10);
- As coordenações são complexas, sendo fulcral ao FAC saber um conjunto de determinados dados (por exemplo: a localização das NT, se foram interrompidas as acções de apoio de fogos indirectos, etc). Este ponto reforça, o exposto na alínea anterior. Neste exercício o FAC, que estava na viatura do Cmdt ERec, orientava e distribuía as aeronaves para junto da área da força, e quando estas estavam próximas, transmitia-lhe um conjunto de informações relativamente à situação das forças no terreno. Após estas transmissões de informações era o FAC que estava na viatura do Cmdt Pel que conduzia a operação aérea e direccionada a aeronave para os vários alvos. Assim de forma sucinta, o FAC do Cmdt ERec orientava para a área, o FAC do Cmdt Pel para o alvo;
- As viaturas têm de ter meios para as aeronaves identificarem rapidamente as NT, assim como todo o pessoal deve ser portador de meios de sinalização (IR, camellight, etc);
- Os FAC estavam equipados com equipamentos Vector ligados a GPS, que foram extremamente úteis para o planeamento do PelMortP. Através destes equipamentos rapidamente se tiram coordenadas, azimute e distância ao alvo, o que facilita os cálculos.
- Durante o deslocamento para a Zona de reunião, todo o Esquadrão progrediu em coluna. Inicialmente cheguei a levantar como modalidade de acção colocar SecExpl nos flancos para garantir alerta oportuno. Não foi adoptada esta solução porque com os CC nos PelRec, tal opção teria sido ineficaz. Relativamente aos procedimentos que forças mecanizadas dinamarquesas adoptam no TO Afeganistão[8], importa referir que em caso de emboscada, durante os primeiros 10 seg todos executam fogo livre para local provável da emboscada, e que devem ser evitados deslocamentos escalonados, porque colunas com 10 viaturas tem mais probabilidade de sofrerem emboscadas do que colunas com 20 (reacção é mais intimidante). No caso de o itinerário ter terreno dominante, empregam os CC (Leopard 2 A6) nos locais que dominam o itinerário, para tirarem vantagem de todos os sistemas dos CC (aparelhos de visão e armamento). Este aspecto reforça a ideia da importância dos CC no reconhecimento e o emprego destes sistemas de armas naquele tipo de operações.

Foto 8

Foto 9

Foto 10

- Durante o deslocamento foram utilizadas 4 frequências, uma em cada pelotão e uma rede de esquadrão. Verificou-se que nas reacções a emboscadas as comunicações eram demasiado lentas o que atrasava a reacção. Apesar de não ter sido treinado, fiquei com a dúvida se não seria melhor utilizar apenas uma frequência de Esquadrão para determinadas operações.

6. CONCLUSÕES

Foi um exercício extremamente vantajoso e motivante para todo o Esquadrão. Foi possível executar missões diferentes daquelas efectuadas normalmente nos exercícios, como por exemplo, conduzir uma acção retardadora e uma segurança da área da retaguarda, sendo que nos últimos exercícios da BrigMec o ERec tem sido empregue em reconhecimento de área e como reserva.

É sempre motivador realizar exercícios com elementos de forças de outras nacionalidades, e neste caso acresce-se a categoria e experiência dos militares presentes. O Cap Mogensen e o Ten Nielsen são militares com experiência de combate no TO do Afeganistão, tendo cumprido missões em funções de relevo. Foram importantes os conhecimentos que nos transmitiram e que nos alertaram para determinados procedimentos, alguns deles referidos atrás.

As coordenações que possibilitaram a realização do exercício desenvolveram-se de forma extremamente simples e concisas, sem grandes burocracias nem perdas de tempo, talvez por terem sido efectuadas a um nível mais baixo do que é normal. O facto é que tudo foi feito com rigor e de acordo com os procedimentos de segurança adequados, o que teve como consequência não ter havido qualquer incidente com pessoal nem mesmo problemas com viaturas.

De salientar que foi a primeira vez em que os CC L2A6 do ERec participaram num exercício e de voltar a reforçar a ideia de que são meios que possibilitam uma grande flexibilidade no Esquadrão. Como foi referido, durante a conduta da SAR, foi possível dispor de uma reserva forte e dotada de grande mobilidade para fazer face a penetrações na área de responsabilidade.

É importante destacar o excelente trabalho realizado pelos militares da Força Aérea quer na fase de planeamento, quer na fase da conduta do exercício. Além de durante todo o exercício terem ficado nas viaturas dos pelotões, sujeitando-se a uns dias difíceis como é sabido por quem tem experiência neste tipo de unidades blindadas, demonstraram sempre um excelente espírito em todas as situações. Aliás, julgo que tal desempenho não é estranho ao facto de serem militares que constantemente são empenhados em missões exigentes, como no TO Afeganistão.

Finalmente, foi minha intenção neste artigo ter evidenciado o trabalho realizado pelo ERec neste exercício, mas também dar uma ideia geral como são desenroladas todas as fases de planeamento e conduta para os exercícios que são executados no Esquadrão, em situações normais.

NOTAS

1 Controladores Aéreos Avançados

2 Apoio Aéreo Próximo

3 Exercício com execução de fogos reais

4 Exercício com tropas no terreno

5 Adopta-se no ERec o seguinte procedimento: Cmdts Pel após receberem OOp do Cmdt ERec elaboram ordens de operações e transmitem aos graduados. Após reconhecimentos, transmitem OOp a todo o Pelotão. As transmissões das ordens são executadas de forma verbal. Neste contexto, "formal" significa que a Ordem foi apresentada de forma verbal a todo o Pelotão, com a assistência dos graduados de comando, e apresentada com o auxílio de cartas e placards (como se estivessem em curso para treino dos subalternos).

6 O movimento foi executado até à porta de armas do QCav e foram distribuídas apenas cunhetes das munições.

7 O ROVER IV que a FAP opera é um receptor portátil constituído por uma antena (para receber o sinal transmitido pela aeronave), um receptor (para transmitir o sinal da antena para o laptop) e um laptop (para visualizar a imagem transmitida).

8 Durante exercício tive oportunidade de trocar impressões com o Cap Jimmy Mogensen, que desempenhou função de Oficial de Operações num Batalhão Mecanizado no Afeganistão em 2008.

O General Silveira

General Silveira, como era conhecido Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, filho de família prestigiada na região transmontana, cuja ascendência remonta ao primeiro cerco de Diu, general de cavalaria e 1º Conde de Amarante, iniciou a sua vida militar como cadete no Regimento de Cavalaria de Almeida. Promovido a tenente, é colocado no Regimento de Cavalaria 6, indo integrar a cavalaria ligeira, cujos membros eram conhecidos por " Ligeiros de Chaves". Em 1792, é promovido a capitão e vai desempenhar as funções de Ajudante de Ordens do marechal de campo João Brun da Silveira. Organiza um corpo de caçadores voluntários que comandou com o posto de sargento – mor. Em 1801, às ordens de Gomes Frei de Andrade, participa em acções militares em Monterei (Espanha). Pelos serviços prestados, passou a efectivo como sargento – mor de cavalaria 6 e a tenente-coronel em 1803 (Chaves).

A criação por Junot da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão leva-o a Coimbra onde o seu regimento, juntamente com o 9, 11 e 12 de cavalaria, é desmobilizado. Não querendo servir o exército francês pede a demissão. Concedida, planeia fugir para o Brasil. Não conseguindo, vai para Vila Real e participa na Junta Suprema do Governo do Porto. Em 1808, como recompensa pelas lutas travadas contra o general Loison, é promovido a coronel para o 6 de cavalaria, novamente restaurado.

Criado em 1709 na cidade de Chaves com o nome de Dragões – de Trás – os – Montes, o Regimento de Cavalaria 6 teve uma existência movimentada quer pelas constantes mudanças de localização a que foi obrigado, quer ainda pelas divisões e dissoluções que sofreu: cavalaria pesada em Chaves, denominados Dragões de Trás- os- Montes e ligeira em Bragança. As Guerras Peninsulares fazem-no deambular por várias localidades do norte transmontano e descer a Sul, ficando a pesada em Santarém e a ligeira na Golegã. Em 1808, a nova organização militar dos regimentos retira-lhes a designação geográfica, passando estes a serem referenciados por número (refira-se que esta alternância nas designações dos regimentos, tem sido uma constante até ao presente o que lhes fragmenta o seu valor histórico ou forçosamente se lhes acrescenta outros. Para não falar na tendência actual de um regimento herdar as tradições e a história de um outro que por motivos orgânicos teve de ser extinto).

SMOR Cav FERNANDO LOURENÇO
Reforma.

Em 1808, no ano da promoção a coronel, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca é promovido a brigadeiro. Deixa o comando do regimento e vai desempenhar as funções de governador militar de Trás-os-Montes. Não perde de vista o seu regimento.

Considerado por muitos, um dos melhores generais portugueses, o seu percurso não foi, contudo, isento de críticas nem sempre justas, por inveja ou malícia, nomeadamente por parte de Beresford aquando da retirada de Soult para a Galiza ou, quando forçado pela inferioridade numérica em que se encontrava perante forças adversárias, foi obrigado a abandonar a defesa da Ponte de Amarante.

A actuação do general Silveira na acção levada a cabo contra Soult no intuito de lhe cortar a retirada para Espanha, criou alguma polémica, atribuída por uns a um certo retraimento quanto à decisão a tomar. Para outros, essa indecisão foi motivada por ordens não explícitas recebidas de Beresford. (Sabe-se que quando as coisas não corriam bem, os ingleses, pela sua parte, alijavam a " agua do capote"). É certo que Silveira perdera muito do seu prestígio na ponte de Amarante, mas parece que as ordens vindas dos generais ingleses (o exército português estava submetido às ordens dos comandos ingleses muitas vezes divergentes no seu próprio interesse, das portuguesas), foram tardias e dúbias sendo praticamente impossível a Silveira, cumpri-las. Quando a ordem foi recebida, já a vanguarda do exército de Soult, ultrapassados os principais obstáculos, caminhava por terras de Lanhoso, por caminhos de montanha. Silveira sabia que não podia exigir muito aos seus homens, na sua maioria milícias, sem grande coesão, de certo modo indisciplinados, escolhidos para integrar os novos regimentos, mais pelo seu espírito aguerrido manifestado em acções isoladas de guerrilha do que pelos seus conhecimentos militares. Igualmente por interesse próprio, dentro do espírito de vingança que recheava as massas populares contra as tropas francesas, motivado pelas constantes violações sofridas. Os oficiais, mal preparados para a missão exigida, não lhe asseguravam confiança. Não se lhe pode atribuir falta de vontade em atacar. Silveira conhecia bem a região e possivelmente terá ponderado a ineficácia e impossibilidade de cumprir a missão a tempo. Terá havido alguma hesitação, mas não deixou de enfrentar o mau tempo e rasgar os maus caminhos que teve de percorrer. Não conseguiu o objectivo que era cortar a retirada francesa. Daí as recriminações inglesas, mais agravadas pelo facto de em Lisboa circular a notícia da detenção de Soult e seus generais. Nestas situações, como sempre, há quem se prontifique a lançar acusações. Já a retirada de Silveira da Ponte de Amarante deu motivo a que o padre José Agostinho de Macedo, com a sua costumeira má língua, comentasse o comportamento de Silveira do seguinte modo:

"Ei-lo vai de Amarante até Lamego/ Com tanta pressa que lhe esqueceu a bota / Porque o tiro escutou de uma pistola / E de um porta – machado as barbas vira.

Acusações que não correspondem à verdade. Silveira era dotado de grande patriotismo como o comprovou a sua demissão para não servir a França e na acção obstinada e heróica durante os 14 dias em que enfrentou as forças francesas na Ponte de Amarante. Só retirou quando os reforços pedidos não chegavam e a isso foi obrigado, conforme escreveu em carta: "....as minhas forças eram muito desiguais às com que o inimigo me atacava, o qual não se vendo acossado por parte alguma, os puxou a todos para me atacar…" Igualmente foi modesto e simples ao confessar. "...já representei a V. Exª que a minha saúde é muito pouca, que os meus conhecimentos militares são muito pequenos…."

Pela sua determinação na defesa da Ponte de Amarante e o criterioso emprego dos parcos elementos de combate de que dispunha, constituídos por escassa artilharia, infantaria e cavalaria 6, foi promovido ao posto de marechal.

Integrado na cavalaria britânica por ordem de Beresford, Silveira é encarregue da defesa de Trás – os – Montes. A sua acção na tomada de Chaves ocupada por forças francesas foi notável e ajudou a recuperar o prestígio abalado pela retirada forçada da Ponte de Amarante. Em contínuas acções de desgaste sobre as tropas francesas, ao fim de três dias de intensos combates recuperou a praça, ocupada uma semana antes. Espíritos mais justos souberam avaliar o seu valor militar, dedicando-lhe um soneto de que se transcrevem as duas quadras:

"Já não pode murchar a negra inveja / A palma da Vitoria que alcançaste, /És o grande Silveira que brilhaste, Qual centelha de Morte na peleja.

Em Chaves teu furor mais dardeja / Até que o inimigo desarmaste / O vil sangue francês que derramaste / Na Ponte de Amarante ainda goteja".

Se a passagem de Soult para a Espanha foi conseguida pela capacidade de comando e condução de homens do general francês, foi também por um excesso de confiança e erros cometidos pelo comando do exército anglo – luso, convencido da intransponibilidade dos caminhos tomados por Soult, depois de cortadas a maioria das pontes obrigando-os a enveredar por caminhos de montanha. Não foi somente porque Silveira chegou atrasado, como chegou a ser alegado e também por alguma indisciplina sua pois chegou a deslocar tropas para outra localidade sem autorização superior. Igual-

mente sem motivo que o justificasse, Beresford demorou-se quatro dias em Lamego e três em Amarante. Wellesley, nas apreciações que faz sobre a retirada de Soult sem atribuir directamente culpas a alguém ou distribuindo-as, diz: "… o general Beresford antecipou as minhas ordens de marchar com o seu corpo para Chaves, e já tinha mandado ao general Silveira que ocupasse os passos de Ruivães e Melgaço junto a Salamonde mas infelizmente chegou tarde…. achei que o inimigo tomava o caminho dos montes para Orense por onde seria difícil, se não impossível para mim, alcançá-lo…a chuva tem sido constante….mas eles preservaram no seguimento até à ultima…" (in carta de Wellesley a D. Miguel Pereira Forjaz).

Fidalgo de mediana cultura, suficiente para manter vivos os pergaminhos familiares de uma fidalguia rural, típica das longínquas terras transmontanas, as qualidades que evidenciava levaram-no a ultrapassar os limites do meio em que foi criado. Camilo Castelo Branco disse ser ele " a coisa mais redondamente portuguesa, boçal e valente que deu o século." Sentindo-se um modesto condutor de homens como ele próprio fez notar, foi capaz de, pelo exemplo e sacrifício pessoal, conjugar à sua volta as gentes de Trás-os-Montes, por vezes indecisas ou temerosas. Outra opinião considerava-o também, "…entusiasta intrépido mas ignorante…". Estas qualidades ou defeitos não passaram despercebidos aos comandos do exército anglo – luso que os souberam aproveitar. Silveira constituiu o principal elo de ligação entre o espírito de resistência das gentes transmontanas, rudes, de elevado fervor patriótico, capazes de todos os sacrifícios, e as forças militares organizadas. Por modéstia ou simplicidade chega a confessar em carta dirigida a Beresford: "….francamente que me não sei decidir sobre as operações que devo fazer….que não me pertencendo a mim senão obrar conforme as ordens de V.Exª…."

Esta posição, parece estar em contradição com declarações de Beresford, pois este, com frequência, queixa-se de Silveira por alterar ou não cumprir com as suas determinações: " …. depois disto o general Silveira desobedeceu da maneira mais clara às minhas ordens positivas…"

Controverso, talvez em contradição consigo próprio e, ultrapassando a cadeia de comando, Silveira queixa-se directamente a D. Miguel Pereira Forjaz, brigadeiro e secretário de regência, negócios e pasta da guerra, de não ser tão compensado pelos seus serviços como foi o general Bacelar, seu patrício, por não ter prestado melhores serviços que os seus, quando diz: "…. Deve-me ser permitido que eu os faça patente a toda a nação pois mais do que a minha vida, preso a minha reputação…"

Sobre esta posição de Silveira, Beresford, em oficio dirigido a D. Miguel Pereira Forjaz, não deixando de reconhecer as qualidades de Silveira quando diz: " Mas ele sabe muito bem que ao mesmo tempo que eu o repreendia pelas suas faltas eu o compensava pelos serviços passados havendo sido em muito pouco tempo feito coronel, brigadeiro e marechal de campo tendo este último posto sido pela minha recomendação." E acrescenta, perguntando o que é que ele quer mais.

As posições antagónicas destes dois generais foram certamente motivadas, por um lado, por patriotismo e desejo de protagonismo de Silveira acrescido da má vontade que sentia em ter de submeter-se no seu país às ordens de um estrangeiro. Pela parte de Beresford, militar cumpridor e rígido na disciplina que impôs, o sentir-se desobedecido.

Pelo seu valor militar, foi promovido a marechal de campo em Maio de 1809. Agraciado com o título de Conde de Amarante em 1811, é promovido a tenente general a 5 de Fevereiro de 1812. Foi condecorado com a Grã-cruz das Ordens Militares de Cristo e da Torre Espada assim como a de S. Fernando de Espanha. Morre em Chaves a 27 de Maio de 1821.

Em 1909, Amarante, reconhecida a Silveira mandou colocar, junto à ponte, uma lápide com a seguinte inscrição: "As diminutas tropas que sob o comando do general Silveira foram dispostas em defesa desta ponte, resistiram heroicamente aos sucessivos ataques de fortes colunas francesas, até que destruído o entrincheiramento principal, por um singular estratagema houveram que retirar."

BIBLIOGRAFIA:

António Pires Nunes – Nova História Militar de Portugal

Alexandre Sousa Pinto – A Cavalaria na Guerra Peninsular

Belizário Pimenta – Revista de Guimarães

Luz Soriano – História da Guerra Civil

A Boina Preta

Fig. 1 - Boina preta do então Regimento de Cavalaria de Santa Margarida (RCSM)

A boina, artigo bem conhecido por nós militares como parte da nossa indumentária, muito antes de ser conotada como peça de fardamento militar já fazia parte do traje de outros grupos não militares. Julga-se que a boina, hoje usada pelos militares, foi inspirada nas boinas dos camponeses Bascos e nas tradicionais Tam-o'-shanter do povo Escocês, influência esta que levou a que os seus exércitos fossem pioneiros na sua adopção. Embora seja difícil de precisar qual o primeiro país que teve Forças a envergar a boina, sabe-se que na origem deste uso estiveram entre os séculos XVII e XVIII a Infantaria Carlista (Espanha), os Caçadores Alpinos (França) e as Highland Troops (Escócia).

Ao longo dos tempos a boina foi gradativamente adoptada pelas Forças Armadas (FA) de todo o mundo, sofrendo evoluções ao nível da sua manufactura e forma de usar. A par destas evoluções foram aparecendo boinas de várias tonalidades e distintivos, representando desta forma a Força em que o militar servia. De entre estas, destaco o surgimento da boina preta pois é o tema central deste texto e constituiu factor determinante na posterior adopção pelo Exército Português (EP).

Na década de 20 o General Elles (Inglaterra) referiu que era impossível para os militares das Unidades de Carros de Combate operarem e efectuarem trabalhos de manutenção nas suas viaturas sem que o seu fardamento fosse sujeito a manchas de óleo. Sob este pretexto o General Elles argumentou no War Office as vantagens dos militares "Carristas" em utilizarem uma boina de cor preta sendo que desta forma as manchas não destoariam tanto sendo praticamente imperceptíveis. Neste período marcado por uma mentalidade militar, fortemente influenciada pelas vivências da 1ª Guerra Mundial, onde as reposições e trocas de fardamento eram escassas se não mesmo impossíveis, surge esta ideia que proporcionava uma melhor imagem do militar e aumentava a vida útil da boina, ideia esta que viu a sua aceitação pelo Rei de Inglaterra em 5 de Março de 1924.

ALF Cav PAULITOS DOS SANTOS
ERec / BrigMec

O APARECIMENTO DA BOINA NAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

O aparecimento da boina em território nacional está ligado às Tropas Pára-quedistas da Força Aérea Portuguesa na década de 50. Entre 1951 e 1955 vários militares portugueses frequentaram o curso de Pára-quedismo (PQ) em França e Espanha, pois este curso ainda não tinha sido criado nas nossas FA. O dia 9 de Julho materializou o término de mais um curso de PQ na Escola Paracaísta Militar em Alcantrilla (Espanha), onde durante

Fig. 2 -Militares da Secção de Auto-metralhadoras do 2ºEsquadrão dos Dragões de Angola envergando a boina preta. (Década de 70)

Fig. 3 - Graduado de Cavalaria envergando boina preta – Dragões de Angola (juramento de bandeira 1973)

a cerimónia de encerramento, presenciada por várias individualidades Espanholas e Portuguesas, foram impostas aos novos Pára-quedistas militares as primeiras boinas verdes. Estas boinas foram confeccionadas em Portugal e transportadas para Espanha para o devido efeito.

Apesar de a boina ser usada pelos militares pára-quedistas desde cerimónia supracitada, só a 23 de Novembro de 1955 o seu uso passou a estar regulamentado através da entrada em vigor do Dec Lei nº

40395, onde no art.º 20 vinha determinado o uso de boina como artigo de fardamento.

A BOINA NO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Após a autorização da boina verde, o passo seguinte foi dado pelo Exército Português (EP) adoptando a boina castanha. Sem querer de alguma forma "escalpelizar" a história das várias boinas hoje existentes, e das que já caíram em desuso, mas sim no intuito de proporcionar o enquadramento necessário para que se perceba como veio a surgir a boina preta, reservo as próximas linhas para de forma breve narrar a história da boina castanha no EP.

Segundo Ribeiro Rodrigues (1998) a boina castanha foi a primeira boina a ser usada pelo nosso exército e era usada apenas pelos militares das forças de Caçadores e do Centro de Operações Especiais. O uso desta boina iniciou-se entre 1955 (aparecimento da boina verde) e 1961, nesta última data mais precisamente em 31 de Julho foi regulado através da Determinação nº 11, o uso de boina por todos os militares do EP.

A Determinação referida, adveio da necessidade de uniformização e melhor adaptação das várias modalidades de fardamento de campanha tendo em conta o seu emprego nas ex-províncias Ultramarinas. Esta Determinação além de regular o uso da boina referia também que esta "é de cor castanha, com fitas de cores conforme as armas e serviços e emblemas tradicionais" (ORDENS DO EXÉRCITO, 1961, p.470) sendo que cada arma ou serviço teria as fitas da boina da cor representativa. No caso da boina da Cavalaria esta era castanha com fitas a vermelho e amarelo. Ainda neste documento, é feita referência a que enquanto não se esgotassem as existências de boinas pretas, estas seriam distribuídas aos militares de Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Transmissões, Serviço de Intendência, Serviço de Saúde, Serviço de Material e quadro do Serviço Geral do Exército.

Ao ler esta Determinação confesso que fiquei algo confuso, o que me levou a contactar vários militares e ex-militares que serviram na década de 60 e 70 para tentar deslindar porque teriam sido distribuídas boinas pretas em paralelo com as castanhas, quando a castanha tinha acabado de ser regulamentada para ser usada por todos os militares do EP. Da análise dos depoimentos dos entrevistados e após algum raciocínio dedutivo concluí que face à medida de dotar todos os militares do Exército com boina, as Oficinas Gerais de Fardamento não terão tido no imediato capacidade de fornecer tamanha quantidade de boinas, e para isso julga-se que se recorreu a um stock de boinas pretas da Legião Portuguesa. Este recurso às boinas pretas foi de carácter temporário até se criarem as condições para que todos os nossos militares tivessem a boina castanha.

A BOINA PRETA

Consultando o Regulamento de Uniformes do Exército na secção reservada à "Boina" deparamo-nos com a descrição de como esta é confeccionada, como deve ser colocada e ainda duas curiosidades que passo a explicar. As fitas da boina deverão ter as duas 14 cm de comprimento por 0,8 cm de largura e ainda que a boina preta deverá ser usada apenas pelos militares da Polícia do Exército.

Fig 5 - Graduado de cavalaria no Kosovo, em 2000.

Após me debruçar nas Ordens do Exército desde o ano da aprovação da boina castanha até finais da década de 80, no intuito de encontrar alguma aprovação da boina preta, numa pesquisa "ano a ano" e "livro a livro" nada foi encontrado neste sentido. Esgotada toda a informação literária sobre a boina preta e que evidentemente era escassa, a única solução que restava era sondar militares e ex-militares que tivessem servido em períodos desde a aprovação da boina castanha até aos dias de hoje.

Para o devido efeito foi entrevistado um universo de dezoito militares e ex-militares que compreendem os postos desde Oficial General a Soldado, sendo a data mais longínqua de incorporação a de 1959. As entrevistas foram feitas no intuito de precisar quando a boina preta foi adoptada pela arma de Cavalaria e se alguma Unidade tinha tomado esta iniciativa, bem como tomar conhecimento de pormenores que estivessem na génese do surgimento da nossa boina. A tarefa afigurava-se relativamente fácil, após auscultados os entrevistados a tarefa já não parecia assim tão linear. Os contactados tinham na maioria memórias vagas e alguns contradiziam o que outros haviam dito. Das entrevistas feitas vários foram os pormenores relatados, todos eles por ex combatentes com as suas inúmeras vivências no Ultramar, pormenores ricos de história que de certo dariam muito que escrever e que aproveito para desde já expressar os meus sinceros agradecimentos pelo tempo dispendido.

Da súmula dos relatos obtidos, concluí que na década de 60 a boina preta já era usada por militares de Cavalaria embora esta não estivesse regulamentada. Pode-se mesmo dizer que este uso foi feito à revelia do que estava imposto pela Determinação nº 11, sendo impulsionado pelos comandantes de Cavalaria. A boina preta nasceu da luta dos comandantes de Cavalaria em afirmarem a boina preta como símbolo distinto e de orgulho da arma de Cavalaria, à imagem da tradição das Unidades de Carros de Combate Britânicas. Não se consegue precisar quando a boina preta foi adoptada pois este processo não foi propriamente pacífico nem autorizado pelo EP. Houve relatos de que no Ultramar, onde havia uma maior permissividade no uso do uniforme, na década de 60 havia forças de Cavalaria que utilizavam a boina castanha, contudo os militares que adquirissem a preta podiam usá-la, embora existam também relatos de existirem comandantes que exigiam o estrito uso ou da boina preta ou da boina castanha. Relativamente às datas da adopção da boina preta os resultados foram díspares, tal como seria de esperar, pois esta surgiu da vontade individual dos comandantes em vincarem a vontade de impor aos seus Homens a boina preta como única. Apesar desta imprecisão natural das datas, tudo aponta para que a boina preta foi generalizada para os militares de Cavalaria logo após o emblemático 25 de Abril de 1974.

Desta forma se fez a história da boina preta da Cavalaria em Portugal, fortemente inspirada pelo espírito das Unidades "Carristas" Britânicas e na vontade dos nossos comandantes distinguirem a tão "Muy Nobre e Honrosa Arma de Cavalaria", fazendo jus à Máxima de que "Não somos melhores, nem piores, somos diferentes!".

BIBLIOGRAFIA:

RIBEIRO RODRIGUES, Manuel (1998). 300 Anos de Uniformes do Exército de Portugal. Exército Português. Lisboa.

ORDENS DO EXÉRCITO. (1961). 1ª Série. Arquivo Histórico Militar. Lisboa.

ÁREAS

ELECTRÓNICA COMPONENTES

ELECTRÓNICA TESTE E MEDIDA E BANCADAS

ELECTRÓNICA MILITAR E AERONÁUTICA

SUBSISTÊNCIA EM CAMPANHA

NBQ

EOD

GERADORES ILUMINAÇÃO VIATURAS

PROTECÇÃO PESSOAL E ALIMENTAÇÃO LIOFILIZADA

ATRELADOS DE SUBSISTÊNCIA EM CAMPANHA

EQUIPAMENTOS DE CLIMATIZAÇÃO

DEPÓSITOS FLEXÍVEIS

TENDAS

MALAS DE TRANSPORTE E PROTECÇÃO

LANTERNAS TÁCTICAS

FLARES, GRANADAS DE FUMO

EQUIPAMENTO ANTI-MOTIM

CAPACETES DE COMBATE

CAPACETES COM INTERCOMUNICAÇÕES

SISTEMAS DE VISÃO NOCTURNA E TÉRMICA

SISTEMAS DE COMANDO E CONTROLO

VIATURAS BLINDADAS

EQUIPAMENTOS INFORMÁTICOS ROBUSTECIDOS

ÓCULOS DE PROTECÇÃO BALÍSTICA

ANTENAS, MASTROS TELESCÓPICOS

MASTROS TELESCÓPICOS

JAMMERS

www.lasi.pt

LASI Electrónica

Rua Bento de Jesus Caraça, nº5 A/B Tercena
2730-027 BARCARENA
Tel.: 214 389 410 Fax: 214 380 592
E-mail: geral@lasi.pt

A Espádua a Dentro

Sem perder de vista o orientar, esclarecer (ou criar dúvidas) aos vários cavaleiros e leitores em geral, ao propor-me falar da Espádua a dentro, não pude deixar de recuar às suas origens, já que a sua importância enquanto "aspirina da equitação" o justifica.

O "pai da espádua a dentro" - François Robichon de La Guérinière (1688-1751) – La Guérinière (como ficou conhecido mundialmente na Equitação) nasceu em Essay (França) a 08 de Maio de 1688, de acordo com o registo de baptismo encontrado na cidade de Alençon. De todos os seus trabalhos, a Espádua a dentro, foi, talvez, o que mais o destacou na galeria dos Equitadores famosos.

Apesar de nunca ter pertencido ao mais importante Picadeiro de França da época - o Picadeiro de Versalhes - em 1715 foi escolhido para écuyer (mestre) do Rei Luís XIV de França. Mais tarde, em 1730, foi então convidado para dirigir o "Manège des Tuileris" (O Picadeiro das Tuilherias), local onde se tornou conhecido internacionalmente, atraindo alunos de toda a Europa.

Morreu em 1751, com 63 anos de idade, deixando grandes ensinamentos equestres, que ainda hoje são estudados e aplicados em muitos locais de prática da Arte Equestre.

Para além da formação dada aos seus alunos na época, que foram o fio condutor para os alunos que se seguiram, publicou duas obras que ainda hoje são objecto de estudo, nomeadamente "L'École de Cavalerie" em 1729 e "Eléments de Cavalerie" em 1740. A primeira obra (L'École de Cavalerie) foi a que se diferenciou das restantes, já que até data não existia nenhuma de tão fácil leitura e compreensão, inclusivé para os cavaleiros mais inexperientes.

La Guérinière, foi no entanto um mestre um pouco controverso para a época, uma vez que contrapôs axiomas e doutrinas com muitos anos de prática. Foi o primeiro a considerar que nem todos os cavalos são capazes do mesmo trabalho e que as exigências devem ser adaptadas às capacidades do cavalo.

De todo o seu estudo e trabalho publicado, houve quatro pontos inovadores para as doutrinas da época, tais como:

1 - A posição a cavalo
Ela é tudo e dela depende o equilíbrio do cavalo.

2 - A necessidade do trote
É a preocupação imediata para ter o cavalo para diante e que mais ajuda os cavalos novos. Para além disso, é a impulsão instantânea e constante, com a qual conseguimos ajustar um cavalo.

3 - O uso da meia-paragem com a elevação e cedência de mão por forma a conseguir aliviar o ante-mão e manter a boca do cavalo em constante descontracção.

4 - A espádua-a-dentro
Primeira e última lição a dar um cavalo.

A contribuição de La Guérinière está ainda hoje perpetuada na Es-

CAP Cav CARLOS MANUEL LOPES
RL2

cola Espanhola de Viena de Áustria, onde os seus mestres trabalham e ensinam, perpetuando com o seu legado, nos famosos Lipizzaners[1], devido à influência de Max Ritter von Weyrother, equitador chefe da Escola de Viena no princípio do século XIX.

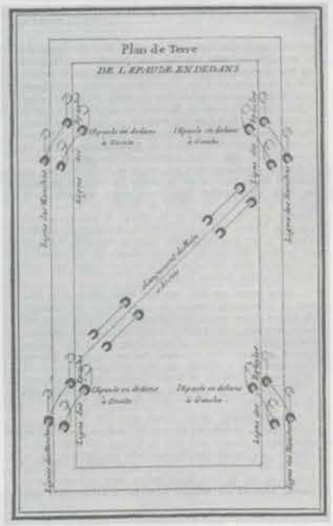
Mas, dos pontos atrás referidos, a espádua-a-dentro foi de facto o ensinamento mais relevante, de tal forma que, La Guérinière passou a ser conhecido como o seu "pai".

AS ORIGENS DA ESPÁDUA-A-DENTRO

La Guérinière começou por estudar mestres que o antecederam, tais como M. de La Broue[2], que para ginasticar as espáduas utilizava o trabalho num quadrado, já que na sua perspectiva, o trabalho no círculo acabava por contrair as espáduas em vez de as soltar, devido às constituições físicas dos cavalos.

Por sua vez, o Duque de Newcastle[3], praticava o círculo com a frente para dentro e garupa para fora (rotação inversa), com o objectivo de soltar as espáduas, reconhecendo, contudo, que sobrecarregava o ante-mão. Mas que só assim, e dando-lhe apoio, é que a espádua se solta porque o posterior de dentro fica bem avançado e próximo do posterior de fora.

La Guérinière, conjugou esta última observação de Newcastle com a experiência de La Broue, em que o trabalho no círculo não era o melhor. E pensou que, de facto uma coisa sobrecarregada com o seu próprio peso e contraída, não se pode tornar ligeira, resultando deste pensamento o exercício por todos nós conhecido, a espádua-a-dentro.



COMO A PRECONIZOU

Para contrariar os inconvenientes descritos anteriormente, La Guérinière leva o cavalo até à teia e na linha direita coloca o cavalo de forma que as espáduas descrevam uma linha e a garupa outra, ficando a linha da garupa junto da teia e as espáduas afastadas cerca de pé e meio, marchando o cavalo encurvado. Para este efeito, voltar a cabeça e as espáduas do cavalo para dentro, como se ele fosse fazer uma volta e quando está nessa posição obliqua e circular, fazê-lo seguir ao longo da teia, por meio da rédea e da perna de dentro.

Podemos visualizar melhor o exercício observando o traçado feito pelo autor.

Através da espádua-a-dentro conseguiu:

1- Libertar as espáduas, porque o anterior de dentro se cruza a cada passo sobre o de fora, obrigando a grande rotação e elevação;
2- Dar grande agilidade à garupa porque a anca de dentro é obrigada a baixar-se para permitir a entrada do posterior interior e cruzar pelo exterior;
3- Grande flexibilidade de toda a coluna vertebral, pelo jogo constante a que estão sujeitas todas as vértebras.

A ESPÁDUA-A-DENTRO HOJE

A espádua a dentro é um exercício de duas pistas, em que o cavalo encurvado ao lado contrário do movimento, se desloca paralelamente a si mesmo, cruzando o anterior de dentro pela frente do de fora. Como La Guérinère o preconizou, é executado em quatro pistas (cada membro define uma pista), independentemente da inclinação dada às espáduas. Existe ainda uma variante (com menos expressão) denominada espádua à frente ou esboço de espádua a dentro. Se executada com a encurvação para a parede toma a designação de "contra-espádua a dentro.

Contudo, hoje a sua execução a nível de Provas de Ensino, conforme definido nos vários regulamentos, deve ser executada em três pistas em que o posterior de dentro segue a mesma pista do anterior de fora e executando-se ao longo da teia. O ângulo que deve fazer com a direcção do movimento é de cerca de 30 graus, em que:

O cavalo vai ligeiramente encurvado, da cabeça à garupa, em torno da perna interior do cavaleiro.

O membro anterior interior do cavalo cruza o do lado exterior.

O posterior interior apoia-se à frente do lado exterior.

O cavalo olha na direcção oposta ao sentido da marcha.

- Executa-se nos três andamentos.

O Coronel Netto de Almeida, no seu livro, refere que "executada desta forma(3 pistas), a espádua-a-dentro é apenas esboçada não se conseguindo tirar delas todas as potencialidades que este maravilhoso exercício nos pode conceder, o que é uma pena."

AJUDAS A EMPREGAR

Rédea interior de abertura determinando a encurvação do antemão.

Rédea exterior reguladora da encurvação, da velocidade, do equilíbrio e da direcção (através de efeitos de abertura, dando a pista).

Perna interior de encurvação, à cilha (actuando de trás para diante) e mantendo a impulsão.

Perna exterior de posição, contribuindo para a manutenção da encurvação do pós-mão e no "lançar para dentro das rédeas".

VANTAGENS GINÁSTICAS

Melhoria da flexibilidade do rim e dos curvilhões, fruto do abaixamento da anca correspondente ao posterior interior, que avança na direcção do centro de massa do cavalo.

Melhoria da mobilidade e liberdade das espáduas pela necessidade de cruzamento (imposto pela figura) do membro anterior interior que cruza pela frente do anterior exterior.

Aligeirar do antemão permitido por um maior grau de concentração.

ERROS E FALTAS A EVITAR

Não perdendo de vista o objectivo agora redefinido pela Escala de Treino, do "cavalo que se transporta", o importante é conseguir a disponibilidade de um ante-mão empurrado por uma garupa enérgica. Como tal, na saída do círculo, são as espáduas que vêm para dentro e não as ancas que andam para fora. O exercício é das espáduas e não da garupa.

Vê-se algumas vezes nas pistas de ensino, mas com frequência nos campos de treino, o atirar da garupa para fora, provocado erradamente pelo recuar da perna interior, provocando um movimento lateral (cedência à perna). O cavalo vai "de lado", mas contrariamente ao que se pretende, com o ante-mão sobrecarregado.

É do efeito momentâneo da rédea de fora e da acção da perna de dentro, que se consegue, não só, a "boa entrada" no exercício, mas também a manutenção do mesmo.

Importante não esquecer, que ao longo do seu ensino o cavalo passa por vários estádios de Equilíbrio (citando o Cor Netto de Almeida – "Equitação é equilíbrio"). Desse equilíbrio resultará, entre outros aspectos, uma maior ou menor facilidade na sua execução, concorrendo ela própria para a sua melhoria. Não foi por acaso que La Guérinière a tenha definido como sendo "a primeira e última lição a dar a um cavalo".

NOTAS

1 Cavalos Andaluzes, mas da Coudelaria de Lipizza (Itália), fundada no séc XVI
2 Mestre francês do séc XVII
3 Mestre inglês (1592-1676)

FABRICO DE VASTA GAMA DE ARTIGOS PARA:

CAVALARIA • AGRICULTURA • ENCERADOS

CORREARIA DO OESTE
JOSÉ AUGUSTO FILIPE

Rua 25 de Abril, 41 A 2665-201
MALVEIRA - PORTUGAL
TELEF./FAX: 00 351 21 986 27 60
E-MAIL: lmmferreira@mail.telepac.pt
SITE: www.correariaoeste.com

"Os meus Livros"

O Conde de Lippe escreveu em 1762, num dos vários documentos doutrinários que constituiu o imenso legado deixado na sua reorganização, que "a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de ideias: por ela se enriquece com as luzes e com a experiência dos outros: e os senhores oficiais não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aqueles que amam a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas de descanso que deixam, especialmente no tempo de paz, as funções do serviço diário". O espírito inerente a estas palavras mantém-se actual, só que, num exército de voluntários, este esforço deve ser extensivo a todas as categorias – Oficiais, Sargentos e Praças, no fundo, a todos os que "amam a sua profissão".

A Revista da Cavalaria convida, em cada número, um militar a partilhar uma meia dúzia de livros que tenham sido determinantes para a sua vida profissional e que entenda ser de mérito a sua partilha com outros profissionais de armas.

A Direcção da Revista da Cavalaria tinha lançado o convite ao ainda Coronel Tirocinado Emílio de Oliveira Duarte, quando desempenhava funções de 2º Cmdt da Brigada Mecanizada, para, no primeiro número do ano de 2010, partilhar com os leitores da Revista da Cavalaria, os livros que mais o marcaram como Oficial do Exército. Pediu algum tempo para escrever e, como noutras ocasiões em que participou na Revista da Cavalaria, apresentou a sua colaboração. Quis o destino que os crónicos atrasos da Revista da Cavalaria contribuíssem para que os "seus livros" fossem publicados somente após a sua inesperada morte. Tal como o Exército Português e a Arma de Cavalaria, a nossa Revista ficou de luto! O nosso General Oliveira Duarte marcou, ao longo da sua vida militar, várias gerações de jovens oficiais e sargentos que nos seus tirocínios e cursos de formação de sargentos lidaram com ele como instrutor das mais variadas matérias, das quais se destaca a equitação, na Escola Prática de Cavalaria (EPC), então, ainda em Santarém. Exigente e prático, mas sempre criador de um ambiente franco e de sã – diríamos mesmo –, bem-disposta camaradagem, não deixava que se lhe fosse indiferente. Foi assim nas diversas funções nos variados locais onde foi servindo o Exército Português. Na EPC, na Escola de Sargentos do Exército, na Academia Militar, na Cooperação técnico-militar em Moçambique e também na Unidade de Aviação Ligeira do Exército, que comandou como Coronel, e ainda na Brigada Mecanizada deixou para superiores a imagem de rigor e pragmatismo, para pares e subordinados a genuinidade da sua camaradagem e amizade.

A publicação *post mortem* dos seus "meus livros" é a justa, e merecida, homenagem que a Revista da Cavalaria faz ao nosso Major-General Oliveira Duarte.

A Direcção da Revista da Cavalaria

MGEN OLIVEIRA DUARTE

Antes mesmo de responder ao desafio que me foi colocado pela Direcção da Revista da Cavalaria para partilhar com os seus estimados leitores meia dúzia de livros marcantes na minha vida, não posso deixar de expressar a minha surpresa pelo convite que me foi formulado.

A leitura dos excelentes artigos elaborados pelos digníssimos camaradas cavaleiros que me antecederam tem constituído para mim e, seguramente para a esmagadora maioria dos leitores da nossa revista, uma colectânea de sugestões de leitura de inegável valor.

Foi, por isso, que, com estranheza, me vi confrontado com a responsabilidade de, ao dar público conhecimento de algumas das minhas referências bibliográficas, dever procurar acrescentar algum valor há já muito representativa e valiosa lista de títulos apresentados.

Não sou bibliógrafo, porque, infelizmente, não li nem leio tanto quanto gostaria e seria desejável e, normalmente, prefiro leituras de carácter lúdico que permitam conciliar o prazer com a aprendizagem descontraída de novos conhecimentos. Lamento, por isso, poder desapontar os leitores que se dispuseram a ocupar o seu precioso tempo e atenção na leitura deste artigo, na esperança de encontrar novas e interessantes sugestões bibliográficas.

Talvez pelo que acima foi referido, procurei ultrapassar a dificuldade com que fui confrontado, recordando algumas fases da minha vida e as leituras que, por qualquer motivo, lhe estiveram associadas.

Assim, começo por fazer referência ao "Crime do Padre Amaro", de Eça de Queirós, livro que li no início da minha adolescência. Subjacente à escolha deste livro está o facto de eu ter nascido no seio de uma humilde família da província e

me ter sido proporcionada uma educação marcadamente católica. Em suma, um livro para ser lido "às escondidas", como efectivamente aconteceu.

Trata-se, como seguramente sabereis, de um romance de carácter nitidamente anticlerical, em que se critica um certo tipo de vida mesquinha de uma cidade da província e o comportamento de uma parte do clero existente à altura em Portugal.

O personagem principal, inicialmente surpreendido com o cinismo dos seus colegas, rapidamente incorpora a mesma atitude cínica e descarada de quem prossegue com a sua carreira, escondendo as suas acções menos honrosas e aproveitando-se do ambiente de servilismo beato que o rodeia.

A segunda referência é "A psicologia da incompetência dos militares", de Norman F. Dixon, por ter sido

um livro publicado em Novembro de 1977, quando me encontrava a dar os primeiros passos na Academia.

Como facilmente se constata, a sua leitura não teve qualquer efeito negativo na minha decisão de abraçar a carreira das Armas, mas não posso deixar de confessar que foi uma leitura extemporânea, seguramente mais indicada para uma fase de maior maturidade.

É um livro que se desenvolve pela negativa, retratando mais a incompetência do que a competência, mais os desastres do que os sucessos e dando uma visão menos saudável da profissão militar. O autor procura explicar as razões dos insucessos militares à luz das características básicas da psicologia humana, designadamente a de que o homem partilha com animais inferiores instintos poderosos e que, contrariamente a estes, aprende a controlar, neutralizar, dirigir e sublimar; a maior parte desta aprendizagem ocorre na primeira infância e os seus efeitos sobre a personalidade adulta são profundos e duradouros; os conflitos não resolvidos desta primeira aprendizagem podem permanecer inconscientes e, provocar um foco inesgotável de ansiedade que, em determinadas condições, põe em risco a razão e a competência.

O autor procura demonstrar que, paradoxalmente, as características mais desajustadas a posições de comando efectivo são, na sua opinião e muitas vezes, as que tendem a favorecer a progressão na carreira. E as que são para si as principais características de uma boa chefia – capacidade de fazer face a incertezas, espontaneidade de pensamento e de acção e receptividade ao que é novo e talvez perturbador – são difíceis de encontrar em quem se sente atraído pela carreira militar.

O conjunto dos cinco fascículos constitutivos do "Manual de Campanha – O Exército na Guerra Subversiva", publicado pelo Estado Maior do Exército nos anos sessenta, é uma referência incontornável.

Embora repetidamente referenciado pelos meus antecessores, não pode deixar de ser citada pela permanente actualidade do seu conteúdo, formato prático e leitura fácil e estimulante.

Perante a impossibilidade de poder acrescentar mais quaisquer elementos de valoração desta publicação ao que sobre ela já foi escrito, gostaria de relevar o facto de a sua temática ser transversal a todos os níveis de comando na conduta operacional e táctica neste tipo de conflitos.

Numa altura em que muito se escreve sobre os mais diversos temas, nem sempre com a concisão e qualidade desejável, este formato deveria, em minha opinião, constituir-se como modelo para a elaboração dos nossos novos manuais doutrinários.

Trata-se de uma publicação cuja reedição se justifica plenamente, quer seja na versão original, quer numa versão actualizada. A reedição no formato original, não só permitiria colmatar a sua falta nas bibliotecas das nossas Unidades – quando existe, está normalmente incompleta – mas, fundamentalmente, porque se justificava plenamente a sua integração no catálogo dos "Livros de Sempre". A sua reedição numa versão renovada – se conseguida dentro do mesmo formato e não no utilizado nos nossos novos regulamentos doutrinários, que são da ordem das seiscentas páginas, e, por isso, menos incentivadores para a sua leitura – constituiria um desafio da maior importância, dado o seu interesse para as actuais e futuras gerações de quadros do Exército.

De certa forma, pelas mesmas razões aduzidas para a escolha anterior, elejo como minha incontornável referência bibliográfica o"Manual de Equitação - Equitação Elementar, Complementar e Superior", publicado pelo Estado Maior do Exército.

Este manual foi, literalmente, um dos meus livros de cabeceira durante os anos em que desempenhei, cumulativamente com outras funções orgânicas que me estavam prioritariamente atribuídas nas Unidades onde estive colocado, as tarefas de instrutor de equitação e fui praticante das modalidades hípicas de ensino, salto de obstáculos e concurso completo de equitação.

Era a este manual que recorria quando era preciso relembrar ensinamentos ou procurar possíveis soluções para ultrapassar dificuldades concretas que a prática da equitação permanentemente coloca. Nele encontrei sempre uma fonte inesgotável de inspiração para novas interpretações e/ou abordagens – mesmo quando os motivos fossem recorrentes – para alcançar aquele que constitui o objectivo final da prática da equitação militar, a "sujeição" da montada e o "desembaraço" físico e moral do cavaleiro, no fundo a "educação" de ambos.

A organização dos temas abordados, a simplicidade dos princípios gerais e a clareza dos conceitos apresentados são, certamente, factores-chave para a longevidade deste manual. Trata-se de uma publicação que se poderá considerar uma verdadeira "bíblia" para a prática da equitação. Os temas abordados vão do âmbito do simples maneio dos solípedes à mais elevada expressão da arte equestre que são os exercícios de "alta escola", passando por sugestões de exercícios ginásticos e de programas de treino, especialmente importantes para quem dá os primeiros passos na exigente arte que é "montar" a cavalo.

O livro "Em Nome da Pátria", do Tenente-Coronel Brandão Ferreira é, para mim, um título incontornável numa temática da nossa história recente, sobre a qual vim lendo ao longo dos tempos diversas publicações e agora como que se vêem nele sumarizadas.

Independentemente da veemência com que o autor defende o seu ponto de vista sobre as razões que levaram ao fim da Guerra do Ultramar, este livro interpela-nos a fazer o nosso próprio juízo sobre os acontecimentos e o contexto geopolítico, geoestratégico e nacional em que os mesmos ocorreram.

O autor começa por reflectir sobre o enquadramento geopolítico e geoestratégico da Nação desde o fim da II Guerra Mundial para, depois, descrever a situação interna (politica, económica, financeira, social e militar). Caracteriza as ameaças e as acções adversárias e justifica as políticas e estratégias defensivas desenvolvidas por Portugal. Defende a justeza da guerra à luz do direito internacional e o modelo peculiar da colonização portuguesa. Aborda a problemática da sustentabilidade da guerra e as razões (politicas, sociais, psicológicas e militares) porque desistimos de a prosseguir.

O livro expõe o inconformismo do autor com a "perda" das províncias Ultramarinas, sobretudo com a forma iníqua e desastrosa como ela se concretizou, descrevendo o seu ponto de vista como tudo se passou, bem como as razões que lhe estiveram subjacentes.

Como refere o Pof. Dr. Adriano Moreira no prefácio do livro, "contrariamente ao que se passou com os EUA, relativamente à guerra do Vietname, em que foi a sociedade civil que pressionou/levou o governo a abandonar sem honra nem glória uma longa guerra, no caso da guerra do Ultramar foi uma decisão militar que lhe pôs termo, não obstante um certo cansaço da sociedade civil, crescente sentimento de recusa da juventude em assumir os riscos de conservar uma estrutura de Estado multicontinental e multicultural. As razões para o fim da guerra poderão ser encontradas na fadiga da sociedade civil, debilidade decisória do poder político e, finalmente, da fadiga do aparelho militar".

Dado que as leituras mais recentes são as que estão mais vivas na nossa memória, a última referência não poderá de deixar de ir para o livro "As guerras que já aí estão e as que nos esperam, se os políticos não mudarem"do nosso General Loureiro dos Santos que li recentemente.

Trata-se do sexto livro da série "Reflexões sobre Estratégia" que o autor vem publicando desde Março de 2000, cuja leitura integral se recomenda vivamente.

Num clima de alteração rápida da ordem internacional unipolar que se vem verificando nos últimos anos, o autor responde às principais questões suscitadas por esta mudança e alerta para a eminência de um futuro incerto e perigoso que se perfila para o Ocidente em geral e para Portugal em particular se os agentes políticos não mudarem de atitude.

Vivemos num mundo em mudança acelerada que implicou alterações significativas na ordem internacional, que passou de um sistema bipolar, no fim da II Guerra Mundial, para um unipolar centrado nos EUA. Todavia, as guerras do Iraque e do Afeganistão revelaram os limites do poder da maior potência e vieram demonstrar que os EUA, isoladamente, não conseguem alcançar objectivos estratégicos importantes. Para o nosso General, a revelação de fragilidades que não se lhe reconheciam – designadamente ao nível do soft power, abalado por comportamentos contrários aos valores civilizacionais e aos dos direitos humanos, do poder económico desgastado pelos encargos com as guerras em curso, e até do poder militar, cujas forças terrestres se revelaram insuficientes para satisfazer as necessidades dos vários Teatros de Operações – constituíram uma oportunidade para outros actores imediatamente inferiores na escala hierárquica das maiores potências desenvolverem estratégias políticas, económicas e militares de aproximação à grande potência.

Como o autor já havia previsto no seu livro anterior "O Império debaixo de Fogo", acentuou-se a utilização isolada, conjunta e combinada dos três teatros de operações tradicionais do século passado (terrestre, marítimo e aéreo) com três novos espaços operacionais (espaço exterior, ciberespaço e espaço mediático) que caracterizam as guerras do século XXI, dado o espantoso progresso tecnológico e a globalização que se registam com a consequente criação de redes interdependentes de relações sociais, económicas e politicas que poderão provocar o denominado "efeito de dominó".

Ao longo do livro, o autor explica o impacto da violência física sobre sociedades complexas ligadas em rede e que se pode sintetizar da seguinte forma: em primeiro lugar, actores que empreguem níveis de violência excessivos poderão ver voltar-se contra si esses efeitos (caso dos danos colaterais sobre civis); em segundo lugar, actores que utilizem meios acessíveis e baratos para exercer violência poderão obter efeitos estratégicos significativos, se fizerem uso do espaço mediático e do ciberespaço e, por fim, o simples facto de se utilizarem novos espaços operacionais poderá transformar um teatro de operações tradicional num teatro global. Conclui, por fim, que nos conflitos actuais, e especialmente nos do futuro, os actores militarmente mais fracos serão os mais favorecidos e as estratégias de subversão (insurreição) as mais remuneradoras. A capacidade para gerir a informação que circula nas denominadas "auto-estradas da informação", será decisiva para a obtenção da vitória, já que só estratégias de "negação de acesso" – RAMM (Rockets, Artilharia, Morteiros e Mísseis) – permitem combater com sucesso a sofisticação dos novos armamentos.

OSPREY Publishing,
II Guerra Mundial, 2009,
Colecção de 30 volumes

Em Junho de 2009 foi lançado para venda ao público uma colecção de 30 livros com uma selecção de batalhas da II Guerra Mundial descritas através de texto, monografias ilustradas a cores, mapas em 3-D e numerosas fotografias da época. Esta colecção, apesar de um custo total considerável - 232,50 Euros - é sinónimo de qualidade, pelos diagramas e informação documentados por especialistas.

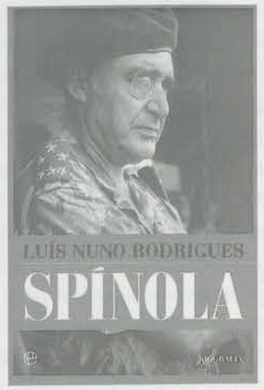
Algumas das mais relevantes operações da II Guerra Mundial são desenvolvidas cronologicamente e descritas em pormenor com ilustrações gráficas do terreno bem como simbologia militar que ajudam o leitor na visualização e apreciação dos desempenhos estratégicos e tácticos. Além desta apreciação são também apresentadas ilustrações de uniformes, equipamentos e viaturas. É de relevar a quantidade e qualidade das fotografias desta colecção.

As batalhas são apresentadas com ilustrações e as unidades empenhadas são expostas graficamente nas cartas dos teatros de operações, sendo esta simbologia explicada em cada volume.

Cada força é detalhada quanto à sua constituição, sendo os Exércitos e Corpos de Exército apresentados por frentes de combate e respectivas composições.

Em cada volume é também feita uma introdução, uma cronologia e uma análise dos Comandantes, dos Exércitos e dos planos das forças em confronto. Finalmente é abordada a campanha em si e é feita uma análise do que é o campo de batalha nos dias de hoje.

TenCav Paulo Fernandes - EPC



SPÍNOLA
Luís Nuno Rodrigues
Esfera dos Livros
2010 - 744 pp

SPÍNOLA. Senhor da Guerra
Manuel Catarino / Miriam Assor
Presselivre (Correio da Manhã)
2010 - 239 pp

Talvez aproveitando a ocasião das comemorações do Centenário do nascimento do Marechal Spínola foram publicadas duas biografias sobre este oficial que também foi Presidente da República Portuguesa. As duas obras, com conteúdos e dimensões bem diferentes, destinam-se, naturalmente, a públicos distintos: "Spínola. Senhor da Guerra" de Manuel Catarino e Miriam Assor, publicada pelo jornal Correio da Manhã, mais sucinta e de leitura mais fácil (embora merecesse uma revisão ortográfica mais atenta, já que se encontram inúmeras e injustificadas gralhas) destina-se a um publico mais generalista, enquanto a biografia "Spínola", de Luís Nunes Rodrigues, apresenta um conteúdo mais atento e rigoroso e por isso destinada a leitores mais exigentes do ponto de vista histórico.

O interessante nestas duas biografias e que as tornam quase leitura obrigatória aos quadros do exército é não só por elas reflectirem muita da complexidade e exigência do que foi o comando e conduta de operações numa guerra de contra-subversão em África, mas porque nos abrem, também, as portas a uma dimensão pouco explorada: a liderança militar. Neste caso particular pode-se, com alguma atenção, percorrer instantes de dois momentos mais marcantes da vida militar de Spínola. Como Tenente-Coronel, com 51 anos (quem é que se queixa de atrasos nas promoções?!?), a comandar o Batalhão 345 em Angola e que sofreu um total de 17 baixas em combate em dois anos (é outra realidade, em oposição à de hoje, com baixas tendencialmente para zero e em seis meses de operações) e de Comandante-Chefe e governador na Guiné. Os autores são civis e os leitores estarão mais atentos à vertente político-militar do Marechal pelo que a forma como estes períodos são relatados estão longe de ser orientados para uma vertente exclusivamente militar, mas mesmo assim são muito interessantes e obriga-nos a uma reflexão atenta. Em 2009 Mark Moyar escreveu um livro intitulado "A Question of Command. Counterinsurgency from the Civil War to Iraq" em que através de um conjunto de estudos de caso que começam no período pós-guerra civil americana, passando pela insurreição Filipina, Malásia, Afeganistão e Iraque, o autor defende o argumento de que a guerra de contra-subversão é uma guerra centrada nos líderes e que a história tende a provar que este confronto entre elites tende a ser vencido pelo lado cujas elites apresentam superioridade em alguns atributos de liderança. O argumento, claro está!, é discutível, mas o que não é discutível são as qualidades que o autor identifica nos líderes que obtiveram sucesso em campanhas de contra-subversão. Depois de ler o livro fiquei com a sensação de que o comando do General Spínola no Teatro de Operações da Guiné podia ser também um capítulo desta obra e que seria mais um reforço na certeza das qualidades a exigir a comandantes em operações de contra-subversão.

Importa referir que foi nas páginas da Revista da Cavalaria que Spínola escreveu muito sobre o ofício de ser soldado e dos atributos esperados a um militar de cavalaria, facto revelado em ambos os livros.

TCor Cavª Miguel Freire
G3/BrigMec

A Certificação do AgrMec/NRF 12. Reflexões e Lições Aprendidas. 1BIMec/BrigMec/NRF 12
2010 – 184 pp

O 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec) da Brigada Mecanizada (BrigMec) tem tido a boa prática de compilar, num pequeno livro, as reflexões e lições aprendidas resultantes do processo de aprontamento e certificação das duas vezes que o Batalhão se constituiu num Agrupamento Mecanizado para integrar uma NATO Response Force (NRF). No caso em apreço diz respeito à participação na NRF 12 (2008-2009). A organização de forças para integrar a NRF tem acabado por constituir uma lufada de ar fresco para as unidades que têm o privilégio de ser escolhidas para se aprontarem, pois merecem uma atenção especial, traduzida em prioridades de recurso financeiros, materiais e de pessoal. O 1BIMec teve a sorte de o ser por duas vezes, e por essas duas vezes recebeu um Esquadrão de Carros de Combate (ECC) proveniente do Grupo Carros de Combate (GCC) da BrigMec. A atenção especial dada a estas unidades permiti-lhes fazer mais de tudo (exercícios, tiro, etc.) em relação a outras unidades, ainda por cima movidos por objectivos de certificação (e consequentemente, de avaliação) associados a uma calendarização rigorosa, o que se traduz numa motivação adicional.

Partilhar com o resto do Exército estas experiências é permitir que outros aprendam, também, com o 1BIMec, principalmente quando isso é feito de uma forma honesta e despretensiosa, tal como podemos constatar nesta obra.

As matérias são vastas e abrangem os diversos domínios não só do Estado-Maior da Unidade (logística, pessoal, manutenção, etc.) como também se concentra nas especificidades dos mais baixos escalões, companhia e pelotão: tarefas operacionais específicas como Operações de Cerco e Busca, Postos de Observação, etc.; treino de Combate em Áreas Urbanas, Treino Físico, bem como na dimensão humana do ser profissional de armas.

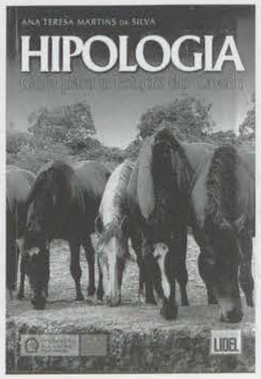
O interessante nesta obra é que o que está escrito não é tradução de manuais, nem muito menos trabalhos de um qualquer curso curricular, é saber de experiência feita! E é isto que torna este livro uma leitura obrigatória para comandantes de baixos escalões, sargentos de pelotão, comandantes de pelotão companhia/esquadrão e até comandantes de Batalhão/Grupo. Nesta linha e numa perspectiva de privilegiar o que considero informação muito útil mas pouco trabalhada e divulgada no nosso Exército, considero de extrema utilidade os capítulos relacionados com o treino de Operações/Combate em Áreas Urbanas/Edificadas, o Treino Físico – em especial, o que é dirigido especificamente para as Guarnições de Carros de Combate. Muito interessante é também a perspectiva de um Comandante de Companhia que se aventura no que se espera de um soldado profissional (somos todos soldados!) revelando em assuntos que deviam preencher

OS / REVISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / REVISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / RE
S / REVISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / REVISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / REVI
VISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / REVISTAS / SITES / LIVROS ARTIGOS / REVISTAS

o nosso quotidiano: competência técnica, aptidão física, disponibilidade, iniciativa e liderança.

A obra só peca em dois aspectos: primeiro, por uma organização sem um fio condutor, ou seja, os assuntos são abordados sem uma sequência lógica, (aliás a desafiar qualquer lógica), quando a unidade é clara a dizer que "o modelo e plano de treino (...) assentam em três pilares essenciais: Homem, Tiro e Manobra (p. 12). Porque não se manteve esta lógica na organização da obra?; Segundo, é timidamente que relembra (sem condenar e sem apresentar soluções) opções que o exército tem, recorrentemente, tomado no sentido de dar soluções administrativas para problemas de falta de pessoal e material que certificam, só no papel, o que era desejável no terreno.

TCor Cav[a] Miguel Freire
G3 / BrigMec



HIPOLOGIA. Guia para o Estudo do Cavalo.
Ana Teresa Martins da Silva
Lidel, Edições Técnicas
2009 – 326 pp

O cavalo há muito tempo que deixou de ser o centro das unidades de cavalaria e uma preocupação dos comandos dos exércitos modernos. Hoje, na vida diária das unidades de cavalaria do nosso Exército, o cavalo está remetido, exclusivamente, para um papel de lazer e de desporto para aqueles que continuam a dedicar-lhe atenção e paixão. Nos cursos de formação dos futuros Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente, o cavalo ainda é encarado como uma preciosa, e insubstituível, escola de formação de carácter militar, independente da arma ou serviço a que pertença, pois na equitação são qualidades de destreza física e moral que se exercitam, razão pela qual ainda se consomem recursos na manutenção desta disciplina na Academia Militar e Escola de Sargentos de Exército (ainda bem que assim é!). No caso dos futuros oficiais e sargentos de cavalaria ainda tem o excelente papel de sensibilização para hábitos de respeito e preocupação tão importantes quando recebemos à nossa responsabilidade as montadas de hoje com as quais é suposto constituirmos unidades de combate: viaturas blindadas e carros de combate.

Para os cavaleiros que montam e que não frequentaram nenhum curso de Equitação e por isso, o know-how se vai assimilando, vagorosamente – geralmente à custa de uns bons trambolhões e de algumas conversas com camaradas d'armas – o aprofundamento do conhecimento da arte de montar e sobre o próprio cavalo enquanto ser vivo, é feito à custa de muito auto-dedicação, hoje muito facilitado, é certo, pela existência da internet e das livrarias on-line. A Revista da Cavalaria, II série (1939-1971) continua a ser uma excelente fonte de informação sobre a arte de montar e também do conhecimento do cavalo, através das secções "Hipismo" e "Gabinete do Veterinário".

A publicação em finais de 2009 do livro "Hipologia. Guia para o Estudo do Cavalo" foi uma agradável conquista para as bibliotecas dos cavaleiros autodidactas. A linguagem técnica, que poderia vir a ser um entrave para os mais leigos, torna-se numa mais valia pelo facto de estar profundamente ilustrado, não só por recurso a fotografias e esquemas, mas principalmente à combinação dos dois, o que torna visível e compreensível o cavalo na sua plenitude. A organização dos capítulos e a existência de um índice remissivo facilitam a leitura e permitem uma consulta com base no princípio da necessidade de conhecer. Pessoalmente, considero a obra uma manual técnico do cavalo facilmente consultável por necessidade imediata de uma situação que surge ou da curiosidade que vai despertando no sentido de compreender esta bela conquista do homem.

Numa altura em que por força do tempo e das circunstâncias, os militares deixaram de ser o centro do ensino, da prática e da competição dos desportos equestres e, por consequência, também, de outros saberes, como a ciência veterinária, um livro desta qualidade de escrito por uma Oficial Veterinária do Exército Português, sustentada pela experiência no Hospital Veterinário Militar de Equinos de Mafra, é um feito louvável e que deve encher de orgulho todos os que contribuíram para a sua edição.

TCor Cav[a] Miguel Freire
G3 / BrigMec

ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVI
DADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES
ES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES
IDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES
ADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES RESENHA DE ACTIVIDADES DAS UNIDADES

Escola Prática de Cavalaria

VISITA DO CENTRO DE RECUPERAÇÃO E INTEGRAÇÃO DE ABRANTES (CRIA) – "CANTAR AS JANEIRAS"

Em 06JAN10, um grupo composto por 30 jovens e 05 professores do Centro de Recuperação e Integração de Abrantes (CRIA), deslocaram-se à Escola Prática de Cavalaria (EPC) a fim de "Cantar as Janeiras" como vem sendo tradição na época dos Reis. Estiveram presentes no Átrio Mousinho de Albuquerque onde assistiram ao referido evento um grupo de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis da EPC. No final foram distribuídos a todos os jovens e professores algumas variedades de doces. Por fim o grupo de visitantes deslocou-se para a Porta de Armas de onde abandonou as instalações da EPC.

"CANTAR AS JANEIRAS" DA ESCOLA DO 1º CICLO BÁSICO Nº 4 CHAINÇA

Em 07JAN10, um grupo composto por 150 alunos e professores da Escola do 1º Ciclo Básico Nº 4 da Chainça (que se encontra em funcionamento nas instalações da EPC), deslocaram-se ao Átrio Mousinho de Albuquerque onde "Cantaram as Janeiras" como vem sendo tradição na época dos Reis. Estiveram presentes a assistir ao evento em epígrafe um grupo de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis da EPC. No final foram distribuídos a todos os alunos e professores algumas variedades de doces. Por fim o grupo deslocou-se novamente para a referida escola a fim de continuarem as actividades de componente escolar.

DESPEDIDA DO EXMO MGEN DIRECTOR DE FORMAÇÃO DO COMANDO DA INSTRUÇÃO E DOUTRINA À ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

Em 27JAN10, a EPC recebeu a visita do Exmo. Director de Formação do Comando da Instrução e Doutrina, MGEN Alfredo Nunes da Cunha Piriquito. A Unidade formou na sua máxima força para lhe prestar as honras devidas.

Após de três anos como Director de Formação do CID o Exmo. MGEN Alfredo Piriquito despediu-se da EPC, lembrando as preocupações que viveu, juntamente com todos os militares desta Unidade, aquando da sua transferência de Santarém para Abrantes e enaltecendo o espírito de missão da Escola, exortou a que se continuasse a cumprir bem.

JURAMENTO DE BANDEIRA DO 1º CFS RC/RV – 2010

Em 26FEV10 realizou-se na EPC, a Cerimónia do Juramento de Bandeira do 1º Curso de Formação de Sargentos em Regime de Voluntariado de 2010. Nesta Cerimónia presidida por Exmo. Director da Doutrina do Comando de Instrução e Doutrina, Major-General Carlos Manuel Martins Branco, juraram Bandeira 88 Soldados Instruendos que terminaram, a sua Preparação Militar Geral. No decorrer da Cerimónia, na qual estiveram cerca de 500 familiares dos Formandos, foram impostas boinas aos dois Formandos que mais se destacaram durante a PMG; um do sexo masculino e outro do sexo feminino. A Cerimónia terminou com uma demonstração de actividades do Grupo de Formação que englobou a educação física, técnica individual de combate e ordem unida, entre outras.

BINTTAGE "UM DIA PELA VIDA"

Em 13MAR10 um grupo de adeptos do BTT, designados por BinTTage, dedicou o dia à causa humanitária "Um Dia pela Vida", com todas as verbas angariadas a reverter a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro. Para efeito realizou-se nas instalações da EPC, um conjunto de actividades que incluíram, entre outras, subida e descida em balão de ar quente e uma prova de BTT. A EPC possibilitou a visita à "Colecção Visitável da Cavalaria Portuguesa – TCor Cav Salgueiro Maia", volteio a cavalo, tendo-se também aproveitado este evento para divulgar a imagem do Exército.

"UM DIA PELA VIDA" – LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

Em 21MAR10 terminou a campanha da Liga Portuguesa Contra o Cancro "Um Dia pela Vida" no Tecnopolo de Alferrarede – Abrantes, onde a Escola Prática de Cavalaria participou com uma exposição estática de várias viaturas blindadas e também esteve presente uma equipa de divulgação do Exército pertencente ao GAP de Tomar.

Regimento de Lanceiros nº 2

MENSAGEM DE DESPEDIDA DO CMDT OP AO RL2

"Ao terminar as funções de Comandante Operacional do Exército quero expressar aos Militares e Civis que servem no Regimento de Lanceiros 2 todo o meu apreço e o mais elevado sentimento de orgulho e satisfação pela forma esmerada, garbosa e de rigor, como têm cumprido todas as múltiplas missões atribuídas.

Em particular é notável a mais valia com que os militares PE contribuem para a imagem do Exército no quadro da sua missão global. Contudo há que reconhecer que o rigor e a exigência das missões têm sido levadas a cabo em condições de bem-estar e de conforto, que não são compatíveis com as exigências da missão. Neste sentido é com acrescido reconhecimento que enalteço a forma como os militares do Regimento de Lanceiros 2 têm cumprido a sua missão.

Estou certo que ao Regimento de Lanceiros 2 poderão ser atribuídas novas missões pois existe saber, vontade e capacidade para as cumprir.

Exorto todos para continuarem a servir o Exército e o País sob a liderança esclarecida do Comando do Regimento".

04 de Novembro de 2009

Artur Neves Pina Monteiro

TGEN

Mensagem exarada no Livro de Honra do RL2 Pelo Exmo. TGEN Artur Neves Pina Monteiro, em 04 de Novembro de 2009, pela ocasião da sua cessação de funções e visita de despedida ao RL2.

ESTÁGIO DE PROTECÇÃO DE PESSOAL

Teve lugar no RL2, de 11 a 15 de Janeiro de 2010, um Estágio de Protecção de Pessoal no âmbito do Plano de Formação para o Aprontamento do 2.º BIPara/TACRES/KFOR.

ACÇÃO DE FORMAÇÃO DE FIGURANTES CINOTÉCNICOS

Teve lugar no RL2, de 11 a 15 de Janeiro de 2010, uma Acção de Formação de Figurantes Cinotécnicos promovida pela empresa "Mundo Canino", fornecedora de material cinotécnico ao RL2.

A cerimónia de encerramento teve lugar na Sala das Armas do RL2 onde foram entregues certificados a todos os formandos, tendo ainda o Exmo. Comandante entregue uma pequena lembrança do RL2 ao Formador da empresa "Mundo Canino", Sr. José Carlos Gonçalves, como forma de agradecimento pelo apoio prestado nesta acção de formação.

POLÍCIA DO EXÉRCITO COM NOVAS MOTAS

O RL2 recebeu no passado dia 20 de Janeiro de 2010 um conjunto de novos equipamentos motorizados constituído por: 12 Motos Yamaha TDM900, com montagem policial; 2 Jeeps Land Rover; 1 Pickup Mitsubishi L200.

CERIMÓNIA DA TRANSFERÊNCIA DO MONUMENTO AOS MORTOS DE CAVALARIA 7 PARA O RL2

Perante Formatura Regimental realizou-se no RL2 no passado dia 20 de Janeiro de 2010 a cerimónia da transferência do Monumento aos mortos do RC7, para as instalações do RL2, fiel depositário do espólio do antigo RC7.

Este monumento que foi inaugurado em 20 de Junho de 1970 nas antigas instalações do RC7 foi assim transferido em 18 de Dezembro de 2009 para a sua nova localização no RL2. Foi ainda descerrada uma placa alusiva com a seguinte inscrição:

"Este monumento foi transferido do extinto RC7 para o RL2 por "força" da colaboração e empenho dos Senhores Manuel Marques Martins e Bruno Marques Martins".

COMEMORAÇÃO DO 177.º ANIVERSÁRIO DO RL2

O RL2 comemorou em 05 de Fevereiro de 2010 o 177.º aniversário da sua criação.

Presidiu à cerimónia Exmo. Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente General Mário Oliveira Cardoso.

Estiveram presentes várias individualidades militares e civis.

VISITA DO CEMFA DA RCV AO RL2

O RL2 recebeu em 10 de Fevereiro de 2010 a visita do Chefe de Estado Maior das Forças Armadas da República de Cabo Verde, Coronel Fernando de Carvalho Pereira, acompanhado de uma delegação de Oficiais. A visita culminou com um convívio entre a delegação Cabo-verdiana e os Lanceiros na Sala de Oficiais.

"Portugal em si é uma história com valores incontornáveis. Por isso, os elementos que aqui me foram dados a conhecer contribuem para o enriquecimento do meu património de conhecimentos que de certeza me ajudará a compreender melhor a história e o percurso desta valorosa nação.

A minha passagem por este regimento ficará guardada para sempre na minha memória enquanto chefe militar de um país irmão que tem muito de comum com Portugal, com destaque pela sua história e cultura comuns, tendo a língua como factor de desenvolvimento das nossas relações de amizade e de permanente colaboração.

Não menos importante, é o empenhamento deste regimento na formação das nossas incipientes unidades de polícia militar visando a sua transformação para uma força com valências operacionais, mas também no ângulo do domínio público.

Bem haja."

Mensagem exarada no Livro de Honra do RL2.

Regimento de Cavalaria nº 3

PORTA GUIÃO DO REGIMENTO

Decorreu no dia 13 de Janeiro de 2010, na parada Macontene, a cerimónia de transferência do Porta Guião do Regimento.

Foi nomeado para a prestigiada função o Sargento Ajudante de Cavalaria José Manuel Fonseca Miguéns em substituição do Sargento Ajudante de Cavalaria João Francisco Madureira Pinto.

ANIVERSÁRIO DA BATALHA DAS LINHAS DE ELVAS

O tricentésimo quinquagésimo primeiro aniversário da Batalha das Linhas de Elvas e simultaneamente o dia do município foi comemorado no passado dia 14 de Janeiro de 2010, na cidade de Elvas.

O RC 3 participou nas cerimónias militares com o Comandante das Forças em Parada, MAJOR CAV MOURATO GONÇALVES, e com o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reacção Rápida, a 2 pelotões, num total de 51 militares.

Contribuiu também para a cerimónia junto ao Padrão dos Murtais (local onde se realizou a Batalha), com uma Secção Reconhecimento (1 Sargento e 8 Praças), e no Túmulo do General André de Albuquerque de Riba Fria, com uma Equipa de Reconhecimento (1 Sargento e 4 Praças);

Ainda esteve presente o Estandarte do Regimento e respectiva escolta.

A forte presença de militares do RC 3 enalteceu as cerimónias militares, contribuindo para manter bem viva a história de Portugal e o sangue derramado pelos nossos antepassados em prol da independência de Portugal.

VISITA DE DESPEDIDA DO MGEN ALFREDO PIRIQUITO DIRECTOR DA FORMAÇÃO

Em 28 de Janeiro de 2010, realizou-se no Regimento de Cavalaria 3, a cerimónia de cessação de comando do Director de Formação Major General Alfredo Nunes da Cunha Piriquito.

Após recepção na Porta de Armas, teve lugar na Parada Macontene, a formatura geral do Regimento, onde o Exmº MGen Nunes Piriquito proferiu um discurso, onde exortou as virtudes militares e a importância de continuar a servir o Exército e Portugal.

RECOLHA DE MEDULA ÓSSEA

Em 12 de Março de 2010, decorreu no Regimento de Cavalaria 3, uma acção de angariação de Dadores de Medula Óssea, com início pelas 10:00 horas e terminus às 16:00.

Esta iniciativa a favor do Afonso, miúdo com necessidade urgente de transplante de medula óssea, teve a adesão de cerca de 500 pessoas entre militares e civis, das quais cerca de 250 foram compatíveis com o tipo de sangue do Afonso.

PARTICIPAÇÃO NO PROJECTO "LIMPAR PORTUGAL"

Em 20 de Março de 2010, o Regimento de Cavalaria 3, participou no Projecto "Limpar Portugal" na zona de Estremoz. Nesta acção o Regimento empenhou 20 militares (1 Oficial; 1 Sargento, e 18 Praças), 2 viaturas pesadas e 2 viaturas ligeiras.

Esta iniciativa juntou militares e a população civil de Estremoz que voluntariamente se disponibilizou para participar no projecto limpar Portugal, onde o saldo foi a recolha de sete toneladas de lixo.

Terminou esta importante e cívica tarefa, com um almoço servido no refeitório do Regimento de Cavalaria 3.

VISITA DO TGEN LUÍS MIGUEL DE NEGREIROS MORAIS DE MEDEIROS CMDT CID E DO MGEN ANTÓNIO JOSÉ PACHECO DIAS COIMBRA DF AO RC3.

Em 26 de Março de 2010, deslocou-se ao Regimento de Cavalaria 3, em visita de trabalho, o Comandante da Instrução e Doutrina (CID), Tenente General Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, e o Director de Formação (DF) MGen António José Pacheco Dias Coimbra.

Após as honras militares, seguiu-se a apresentação de cumprimentos, no Salão Nobre da Unidade e um brifingue sobre a Unidade.

Seguiu-se uma visita às instalações do Quartel de S. Francisco e aos prédios militares de Estremoz, dos quais se destacam, os Blocos Militares, o Quartel de "Fuente de Cantos" a "Brigada" e a Casa de Sargentos Antes do almoço o TGen CID e o MGen DF visitaram

No final, o Exmº TGen CID assinou o livro de Honra do Regimento.

ENCONTRO DE PREPARAÇÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DOS 200 ANOS DA GUERRA PENINSULAR

No âmbito das Comemorações dos 200 Anos da Guerra Peninsular e da Batalha de Fuente de Cantos, teve lugar no RC3, em 31MAR10, um encontro de preparação do evento, com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Estremoz, do Exmos. Gen Barrento, TGen Ferreira e Costa, TGen CID e do MGen DHCM

Quartel da Cavalaria em Santa Margarida
Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

APOIO À ACADEMIA MILITAR

No dia 23 de Fevereiro 2010, o Grupo de Carros de Combate apoiou um Exercício da Academia Militar, no âmbito da formação dos cadetes de cavalaria, com um pelotão de Carros de Combate do 3ºECC.

JORNADAS DO DIA DA DEFESA NACIONAL (DDN)

Em 01MAR10, terminou a 2ª fase das Jornadas do Dia da Defesa Nacional que têm por finalidade receber diariamente um conjunto de jovens (cerca de 120) de 18 anos, previamente convocados para se apresentarem, afim de serem sensibilizados sobre a Defesa Nacional, o papel das Forças Armadas e sobre as actuais formas de prestação de serviço militar. Estas Jornadas do Dia da Defesa Nacional estão previstas reiniciarem em Outubro de 2010.

DIA DO QUARTEL DA CAVALARIA

No dia 12 de Março de 2010, o GCC e ERec que herdaram as tradições e espírito do extinto

Regimento de Cavalaria Nº4 (RC4), comemoraram o dia do Quartel da Cavalaria (QCav).

Esta data assinala as relevantes acções tomadas por militares do RC4 em Viella, França, durante a Guerra Peninsular no dia 13 de Março de 1814. As comemorações iniciaram-se com a cerimónia militar, presidida pelo Exmo General Director Honorário da Arma de Cavalaria, TGen Luís Miguel de N. Morais de Medeiros, seguidas com uma demonstração das capacidades do CC Leopard 2A6 na carreira de tiro de Santa Margarida e de um almoço convívio na messe de oficiais.

APOIO À EPC

Entre 12 e 19 JAN10, realizou-se o exercício de apoio à EPC (TPO, CFS). Neste exercício foram empregues um PelRec e um PelMort do ERec, no intuito de apoiar a formação técnico/ táctica dos futuros Of e Sar do QP.

LOBO 110

O ERec, durante o período de 01 e 05 FEV10 participou num Exercício

conjunto com elementos da FAP.

Este exercício teve como finalidade proporcionar um treino mais realista aos pilotos das aeronaves, aos FAC (Forward Air Controler) e as forças no terreno.

Acompanharam o ERec dois oficiais do exército Dinamarquês, com o duplo objectivo de avaliar o desempenho dos FAC e auxiliar o planeamento e injecção dos incidentes.

Este exercício culminou com um LFX no qual, houve integração de fogos aero-terrestres.

LOBO 10

Este exercício do ERec, decorreu entre os dias 22 e 24 de Março com a finalidade de efectuar treino operacional dos dois Pelotões de Reconhecimento e do Pelotão de Morteiros Pesados.

Neste exercício foi também efectuado uma operação de passagem de linha com o 2ºBIMec aproveitando assim para tornar o treino mais real.

Regimento de Cavalaria nº 6

VISITAS AO RC 6

Neste primeiro trimestre do ano o Regimento foi visitado por dezenas de jovens de diversos estabelecimentos de ensino, acompanhados e enquadrados pelos respectivos professores. Nestas visitas é proporcionado um primeiro contacto com aquilo que é a vivência diária de uma Unidade militar: onde comem, onde dormem e o que fazem. Podem ainda ter um primeiro contacto com as viaturas blindadas. Quando as condições climatéricas permitem, experimentam a iniciação ao rappel e ao slide. Quando a idade, o peso e o número de visitantes não são muito elevados têm uma pequena experiência de volteio que faz a delícia dos mais pequenos.

APOIOS

Nos primeiros três meses do corrente ano o Regimento apoiou várias iniciativas de ordem cultural, social e de cidadania a Escolas, Autarquias e outras Instituições e Organizações.

APOIO O CR BRAGA

No âmbito das actividades da campanha de obtenção de recursos humanos paras as fileiras, o Centro de Recrutamento de Braga tem levado a efeito algumas campanhas de sensibilização e esclarecimento acerca do ingresso de efectivos para o cumprimento do Serviço Militar. Essas sessões decorrem normal e maioritariamente nos Estabelecimento de Ensino ou marcando presença nos eventos de grande concentração de jovens que constituem o público-alvo. Normalmente, é montada a Torre de Multiactividades do Exército com a colaboração do Regimento, que cede militares para montar e operar o referido equipamento.

EXERCICOS MILITARES

O Regimento participou nos vários Exercícios militares com os meios que abaixo se indicam:

Exercício Marte 10 de 01 a 05 de Março com a participação de uma Unidade de escalão Pelotão do Grupo de Auto Metralhadoras na região de Almeida.

Exercício Plutão 10 de 22 a 26 de Março com a participação de uma Unidade de escalão Pelotão do Grupo de Auto Metralhadoras na região da Serra da Cabreira;

DESPEDIDA MAJOR-GENERAL MARTINS FERREIRA

Em 10 de Fevereiro decorreu, no RC 6, uma Cerimónia Militar com o objectivo do Major-General José Alberto Martins Ferreira se despedir dos militares e funcionários civis que servem neste Regimento, pelo facto de cessar funções como Comandante da Brigada de Intervenção (BrigInt).

REUNIÃO DO COMANDO DISTRITAL DE OPERAÇÕES DE SOCORRO

O Regimento de Cavalaria nº6, além da responsabilidade que possui no aprontamento de Forças Nacionais Destacadas, realiza também outras missões de Interesse Público, das quais se destacam o apoio no combate a incêndios, vigilância, apoio em situações de cheias, terramotos, etc.

VISITA DO EXMO COMANDANTE DA BRIGINT

Em 10 de Fevereiro o Exmo MGEN José Carlos Filipe Antunes Calçada efectuou aquela que foi a sua primeira visita ao RC6 na condição de Comandante da BrigInt. A parte da manhã foi preenchida com a apresentação de um breafing, através do qual o MGEN Calçada teve a oportunidade de se identificar, inteirar e conhecer a Unidade.

Da parte da tarde, uma Cerimónia Militar muito simples mas de grande significado para todos os Oficias, Sargentos e Praças, serviria para que o Cmdt da BrigInt, num discurso quase familiar, transmitisse o que Comandante da Brig Int espera dos Cavaleiros d'entre Douro e Minho. As suas palavras bebidas com deleite, tal a sua eloquência, calaram bem fundo de todos quantos o ouviram. A cerimónia terminou com o desfile e continência das Força em Parada.

CELEBRAÇÃO PASCAL

O RC 6 evocou o sentido da Páscoa no dia 29 de Março com a Celebração Pascal. A Eucaristia foi presidida pelo Frei Pinto, responsável pelo Convento do Montariol e concelebrada pelo capelão da Unidade. Para além dos Militares e Funcionários Civis estiveram presentes, militares do Centro de Recrutamento de Braga e alguns amigos do Regimento. A celebração foi animada pelo Grupo Coral do Regimento.

Unidade de Segurança e Honras de Estado / GNR

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ

Teve lugar no dia 12 de Janeiro de 2010, a cerimónia de apresentação de cumprimentos a Sua Exª o Presidente da Republica, Professor Dr. Aníbal Cavaco Silva, realizada pelo Corpo Diplomático acreditado em Portugal.

Esta cerimónia teve lugar no Palácio Nacional de Queluz, como sempre, precedida das Honras Militares regulamentares, efectuadas pelo Esquadrão Presidencial da Unidade de Segurança e Honras de Estado, que tem como Missão Principal, a segurança ao Palácio Nacional de Belém, Residência Oficial de Sua Exª o Presidente da Republica Portuguesa e a prestação de Honras Militares protocolares de Estado, em que a Alta Entidade presente seja o Exmº PR.

PRESIDENTE DA RÉPUBLICA DA GUINÉ BISSAU

No âmbito de uma visita de Estado a Portugal, o Grupo de Honras de Estado, o Segurança e a Banda de Música da Unidade de Segurança e Honras de Estado da Guarda Nacional Republicana, prestaram as honras militares regulamentares, como: Guarda de Honra, Alas de Honra e execução dos Hinos Nacionais da Guiné Bissau e de Portugal, por ocasião da recepção de S. Exa. o Presidente da República da Guiné-Bissau, Malam Bacai Sanhá.

VISITA MAJOR GENERAL OLIVEIRA DUARTE

No dia 15 de Março de 2010, no âmbito de uma visita à Guarda Nacional Republicana, visitou esta Unidade de Segurança e Honras de Estado, o Exmº Major General Emílio Oliveira Duarte, onde lhe foram apresentadas as diversas actividades a cargo da USHE, no âmbito da sua missão de segurança e honras.

REVISTA CAVALARIA

ATENÇÃO
Envie este impresso directamente para a Associação e não para o seu Banco. O total preenchimento dos dados e a assinatura autorizada são indispensáveis

ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

SEDE: Regimento de Lanceiros N.º 2 – Calçada da Ajuda – 1349-054 LISBOA
E-mail: revistadacavalaria@gmail.com

MILITAR: Posto, Arma, Situação (Activo, Reserva, Reforma)

CIVIL: Título

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CÓDIGO POSTAL ☐☐☐☐-☐☐☐ ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐

OUTROS CONTACTOS

MODALIDADES PARA SER SÓCIO DA ASSOCIAÇÃO:

☐ 1.ª MOD. – Quota anual individual no valor de 15 Euros.
☐ 2.ª MOD. – Quota institucional anual no valor de 75 Euros (destinada a Associações U/E/O, Empresas).
☐ 3.ª MOD. – Quota anual para sócios beneméritos no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota individual).
☐ 4.ª MOD. – Quota anual para instituições beneméritas no valor de _____ Euros (valor nunca inferior à quota da 2.ª Modalidade, destinada a Associações U/E/O, Empresas).

Exmos. Senhores

Venho por este meio autorizar a efectivação de transferência bancária regular para o pagamento das quotas da Associação Revista da Cavalaria no valor de _____€ por ano, a debitar em _____.

DADOS DA CONTA A DEBITAR

BANCO _____

DEPENDÊNCIA _____
LOCALIDADE _____
NI DA CONTA _____
NIB _____
EM NOME DE _____

DADOS DA CONTA A CREDITAR

SANTANDER TOTTA

Conta:
53148140020

NIB
001800005314814002012

Em nome de:
ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

Com os melhores cumprimentos

_____
(assinatura igual à existente no Banco)

Data, _____ de _____ de _____

PODE SER FOTOCOPIADO

Promoções e Nomeações

PROMOÇÕES A:

COR Cav:

TCOR Cav JOCELINO DO NASCIMENTO BRAGANÇA RODRIGUES

TCOR Cav:

MAJ Cav ALFREDO MANUEL APARÍCIO FILIPE

MAJ Cav:

CAP Cav LUÍS FILIPE QUINTEIROS MORAIS

CAP Cav JORGE MANUEL FAUSTINO RAINHA

CAP Cav JOÃO ANTÓNIO CARVALHO BAPTISTA

CAP Cav NUNO MIGUEL GONÇALVES ALVES

CAP Cav PEDRO MIGUEL GUEDES DE CARVALHO

CAP Cav ANTÓNIO AUGUSTO GUERRA COSTA

SMOR Cav:

SCH Cav FERNANDO PROENÇA HENRIQUES

SCH Cav CARLOS MANUEL CERQUEIRA BARREIRA

SCH Cav:

SAJ Cav FRANCISCO JOSÉ BOIA PALHA

SAJ Cav JOSÉ HENRIQUE PACHECO BOTELHO

SAJ Cav ANTÓNIO JOSÉ NUNES SALVADOR

SAJ Cav CARLOS MANUEL NABAIS GONÇALVES

SAJ Cav:

1SAR Cav ÓSCAR DA LIBERDADE JANTARADA

1SAR Cav MANUEL MACHADO VILAS BOAS DA CALÇADA

NOMEAÇÕES

COR Cav CARLOS JOSÉ VICENTE SERNADAS, Chefe dos Serviços de Apoio do IESM.

COR Cav CARLOS ALBERTO BAÍA AFONSO, IGE.

TCOR Cav PAULO ALEXANDRE SIMÕES MARQUES, Comandante do GAM/RC6/BrigInt.

COR Cav JOCELINO DO NASCIMENTO BRAGANÇA RODRIGUES, Coronel Adjunto do Comandante da Brigada de Intervenção para as Unidades da Estrutura Base do Exército.

COR TIR Cav TIAGO MARIA RAMOS CHAVES DE ALMEIDA E VASCONCELOS, DivPF/EME.

TCOR Cav JOSÉ ANTÓNIO DOS SANTOS TORCATO, Comandante do BApSvc/BrigMec.

INDIGITAÇÕES

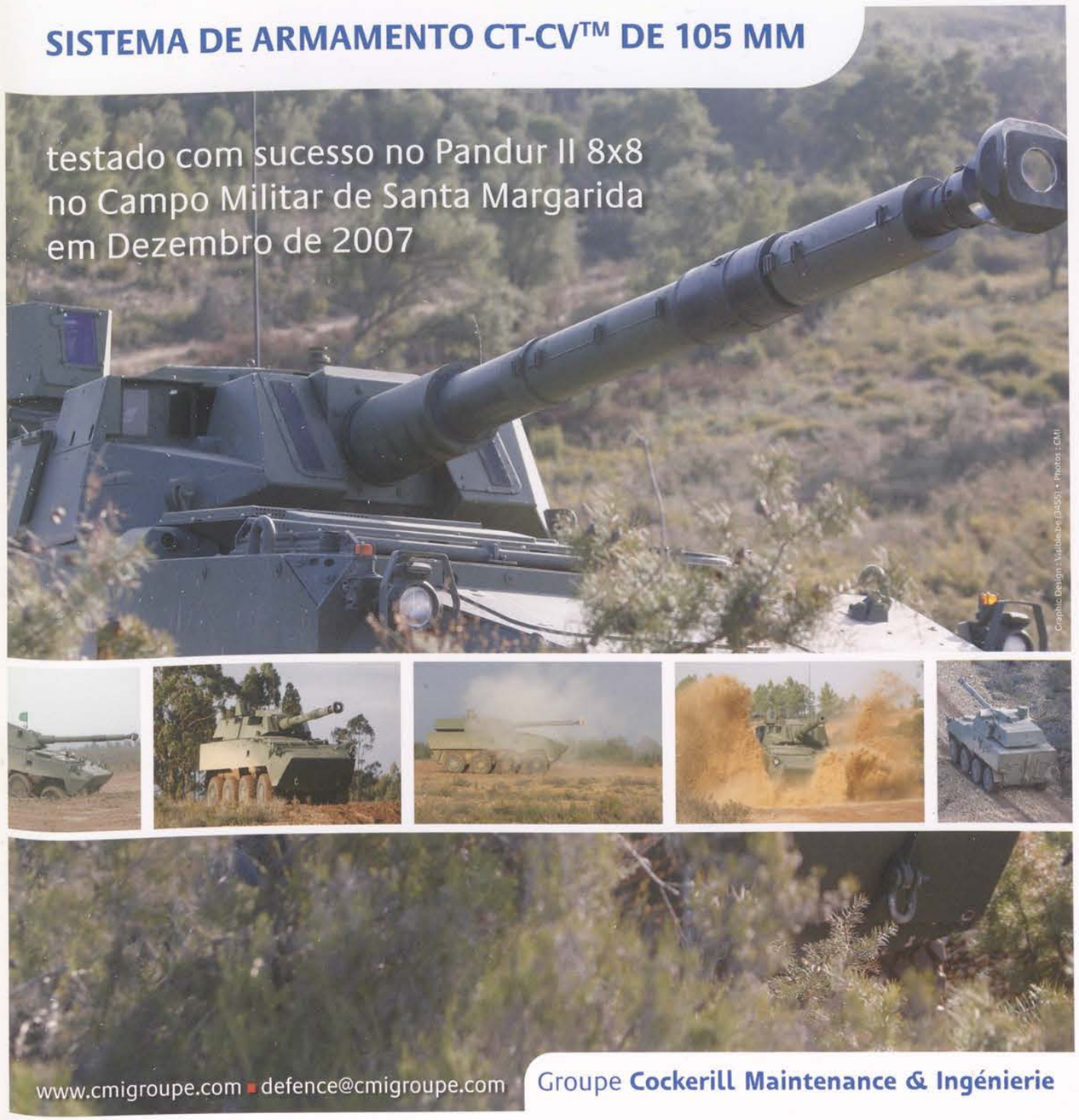
COR Cav JORGE MANUEL ANTUNES CAMEIRA, DGPRM/MDN.

ÓBITOS DE OFICIAIS E SARGENTOS DE CAVALARIA:

COR Cav ALBERTO DE NÁPOLES DE ALMEIDA SOUSA

COR Cav AUGUSTO DA FONSECA JORGE

SMOR Cav ATÍLIO DOMINGOS PIRES

SAJ Cav ELEUTÉRIO SALVADOR OLIVEIRA

TEN Cav PAULO FERNANDES
EPC